



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Flávio Souza

**O sistema de representação de atores sociais e
as práticas discursivas online de uma associação de moradores**

Rio de Janeiro

2017

Flávio Souza

**O sistema de representação de atores sociais e
as práticas discursivas online de uma associação de moradores**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Tania Maria Granja Shepherd

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S731 Souza, Flávio.
O sistema de representação de atores sociais e as práticas discursivas online de uma associação de moradores / Flávio Souza. – 2017.
105 f. : il.

Orientadora: Tania Maria Granja Shepherd.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Facebook (Rede social on-line) – Teses. 3. Grupos de discussão pela Internet – Santa Teresa (Rio de Janeiro, RJ) – Teses. 4. Bondes – Santa Teresa (Rio de Janeiro, RJ) – Teses. I. Shepherd, Tania M.G. (Tania Maria Granja). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Flávio Souza

**O sistema de representação de atores sociais e
as práticas discursivas online de uma associação de moradores**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 4 de agosto de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Tania Maria Granja Shepherd
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Vivian Mendes Lopes
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Solange Coelho Vereza
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Josefa, minha maior admiradora, mal sabendo que eu sou seu maior admirador.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Tania Maria Granja Shepherd, minha orientadora, por sua tolerância, atenção e apoio em todas as horas.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instituição de excelência, que me proporcionou a oportunidade de pôr esse projeto em prática.

Aos professores da Pós-Graduação do Instituto de Letras da UERJ, pela contribuição de cada um na minha formação.

Às Professoras Doutoradas Solange Coelho Vereza e Vivian Mendes Lopes pela prontidão em aceitar participar da banca examinadora.

À minha filha Jade, ao meu companheiro Erike e à minha família pelo apoio.

Às minhas amigas Sylvia e Ângela pelo constante incentivo.

A vida é assim: esquenta e esfria, aperta
e daí afrouxa, sossega e depois
desinquieta. O que ela quer da gente é
coragem.

Guimarães Rosa

RESUMO

SOUZA, Flávio. *O sistema de representação de atores sociais e as práticas discursivas online de uma associação de moradores*. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A internet vem sendo usada para explorar e promover mudança social e política. Entretanto, as pesquisas que unem ativismo social e o papel das novas tecnologias ainda são escassas. Este estudo propõe a análise das práticas discursivas de uma associação de bairro (Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa - AMAST), a partir de sua página no Facebook, tendo como pano de fundo as discussões acerca da restauração de uma forma de transporte tradicional do bairro: o bonde. A ferramenta de análise é o sistema sociosemântico de Representação de Atores Sociais, desenvolvido por Theo van Leeuwen (2008), baseado nos princípios e elementos da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (2004). Um corpus foi compilado por dois meses durante os anos de 2015 e 2016, a partir das interações postadas na página do Facebook da AMAST, incluindo postagens originais e respectivos comentários. O corpus foi trabalhado com o programa AntConc 3.4.4w (ANTHONY, 2014). Dele foram extraídos os itens de maior frequência, os quais foram classificados de acordo com o sistema de Representação de Atores Sociais. O resultado da análise aponta que o item 'bonde' tem um papel central nas interações online entre os membros da AMAST, além de 'morador'/'moradores' e 'bairro'. Todos esses três itens podem ser caracterizados como atores sociais, tendo em vista os processos verbais que lhe são acoplados. Quando o assunto em pauta é o meio de transporte, o bonde de antigamente, com estribos, é visto com saudades, e há instâncias em que recebe verbos típicos de um ser humano. O item 'morador' é representado de forma genérica como um grupo de pessoas pouco atuante. O bairro é caracterizado como participante periférico que ora sofre as consequências do descaso de uma administração pública negligente, ora é associado de forma saudosista ao símbolo do local, o bonde. Alguns itens lexicais que nomeiam as favelas no entorno de Santa Teresa têm frequência mínima nas interações online da página da associação, sugerindo uma representação do bairro restrita principalmente às ruas principais. A conclusão principal do trabalho, tendo em vista esses resultados, é que a página da associação no Facebook não parece ser um veículo de ativismo social, mas se assemelha a um lócus de reclamações.

Palavras-chave: Facebook. Associação de moradores. Representação dos atores sociais.

Linguística sistêmico funcional.

ABSTRACT

SOUZA, Flávio. *The representation system of social actors and the online discursive practices of a neighborhood association*. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The Internet has been used to explore and promote both social and political changes. However, research that incorporates social activism and the role of new technologies is still minimal. This study proposes to analyze the discursive practices of a local association (The Association of Neighbors and Friends of Santa Teresa - AMAST), based on its Facebook page. The background for these discussions is the renovation of the neighborhood tram, the local traditional means of transport. The analytical tool is the representation of social actors, a sociosemantic system developed by van Leeuwen (2008), derived from certain elements of Halliday's Systemic Functional Linguistics (2004). The system enables the analysis of how the participants of social practices can be, and are, represented in discourse. A corpus was compiled over two months in 2015 and 2016, based on the interactions published on the AMAST Facebook page, including original posts and their comments. The names of the association members were erased and the corpus was subsequently treated using *AntConc3.4.4w* (ANTHONY, 2014), a freeware corpus analysis toolkit for both concordancing and text analysis. The three most frequent lexical items were extracted and classified according to the system. The results of the analysis demonstrate that the items 'tram', 'neighbor' and 'neighborhood' have a central role in the online interactions between AMAST members. It was possible to characterize these items as social actors, taking into account the verbal processes associated with them. When the topic discussed is transportation, the members of the association clearly long for the 'old tram', with its retractable steps. In addition, there are instances in which the tram is referred to by verbs typical of a human actor. The item 'neighbors' is represented generically as a somewhat passive group of people. The neighborhood is characterized as a peripheral participant who either suffers the consequences of local government negligence, or is associated, in a nostalgic way, to the symbol of the neighborhood, the tram. Certain lexical items, which identify Santa Teresa's surrounding slums, have very low frequency in the online interactions of the association's page, suggesting that the neighborhood's view of themselves excludes the surrounding slums. The main conclusion of this work, considering these results, is that the page of the association on Facebook does not seem to be a social activism forum but rather a locus of complaining.

Keywords: Facebook. Local association. Representation of social actors. Systemic functional linguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Áreas de estudo conjugadas na dissertação	12
Quadro 1 -	Cronologia do sistema de bondes de Santa Teresa	14
Figura 2 -	Linha de tempo sintética	15
Figura 3 -	Trajeto do bonde antes de sua última interrupção em 2011	16
Figura 4 -	Foto de capa da página da AMAST no Facebook	18
Figura 5 -	Tipos de rede	24
Figura 6 -	Recorte da página da AMAST	28
Quadro 2 -	Os três gêneros do discurso retórico	35
Quadro 3 -	Atores/ Participantes Centrais e Periféricos	42
Quadro 4 -	Categorias de representação dos atores sociais	47
Figura 7 -	Exemplo criado de postagem-mãe	70
Figura 8 -	Exemplo de postagem já preparada para acesso com computador	71
Tabela 1 -	Itens lexicais mais recorrentes	72
Figura 9 -	Exemplo de tabela de classificação dos itens lexicais	74
Figura 10 -	O bonde de Santa Teresa no combate aos focos do mosquito <i>Aedes Aegypti</i>	77
Figura 11 -	Bonde de Santa Teresa com características humanas	77
Figura 12 -	Processos nos quais o item lexical bonde aparece	78
Figura 13 -	Cartaz de convocação a ato público contra violência	98

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	A INTERNET E AS REDES SOCIAIS	22
1.1	A Internet e a vida em rede	22
1.1.1	<u>As redes sociais</u>	25
1.1.1.1	O Facebook e suas funções	25
1.2	Discurso digitalmente mediado e práticas digitais	28
1.3	Alteridade em rede	31
2	ARCABOUÇO TEÓRICO	34
2.1	O Discurso Deliberativo	34
2.1.1	<u>Gêneros do discurso retórico</u>	35
2.2	A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) como instrumento de análise .	39
2.3	A representação dos atores sociais no discurso	43
2.3.1	<u>Atores sociais</u>	44
2.3.2	<u>Quem é o ator de van Leeuwen?</u>	44
2.4	Maneiras de representação de atores no discurso	46
2.4.1	<u>Exclusão: supressão ou obscurecimento</u>	46
2.4.2	<u>Inclusão</u>	51
2.4.2.1	Ativação	51
2.4.2.2	Passivação	55
2.4.2.2.1	Sujeição/ Submissão	55
2.4.2.2.2	Beneficialização	56
2.4.2.3	Participação	57

2.4.2.4	Circunstancialização	57
2.4.2.5	Possessivação	58
2.4.2.6	Personalização	58
2.4.2.6.1	Determinação	59
2.4.2.6.2	Indeterminação	59
2.4.2.7	Impersonalização	60
2.4.2.7.1	Genericização	61
2.4.2.7.2	Especificação	63
2.4.2.7.3	Abstração	63
2.4.2.7.4	Objetivação	64
3	MÉTODOS E DADOS	65
3.1	Introdução	65
3.1.1	<u>A interferência do pesquisador</u>	67
3.2	O contexto da pesquisa: a AMAST	68
3.3	O corpus	69
3.3.1	<u>A compilação do corpus</u>	69
3.3.2	<u>O tratamento do corpus</u>	73
4	ANÁLISE DE DADOS	75
4.1	Sobre o quê falam os membros da AMAST?	75
4.2	Análises	76
4.2.1	<u>Bonde/ Bondes: o nosso saudoso bonde</u>	76
4.2.2	<u>Morador e moradores</u>	83
4.2.3	<u>Bairro</u>	87
4.2.4	<u>Outros atores</u>	90

CONCLUSÕES	93
REFERÊNCIAS	101
ANEXO A - Tabela de frequência dos itens lexicais	105

INTRODUÇÃO

Tomem emprestado metodologias focadas na língua e já testadas; extraíam delas o que for útil. Entretanto, não reverenciem tais metodologias; sintam-se á vontade para modificar os métodos existentes, quando abordarem novos fenômenos. Ou produzam novos métodos. Às vezes é preciso deixar que os métodos surjam dos dados. A princípio, vocês podem não se sentir confortáveis fazendo isso, mas com o passar do tempo e experiência, se sentirão mais seguros. (HERRING, 2015)¹

Em entrevista recente, Susan Herring, uma das maiores autoridades na análise de comunicação mediada por computador, aconselha a jovens linguistas que explorem novos caminhos para a análise do discurso online. Isto porque, em alguns casos, as ferramentas tradicionais para a análise do discurso não iluminam as interações online em sua plenitude. Minha proposta com a presente dissertação é justamente explorar um caminho novo. Analiso as interações online de uma página de rede social entre os membros de uma associação de moradores e amigos de bairro na sua tentativa de lutar pelos valores do bairro que representa. Portanto, a presente dissertação conjuga três áreas de investigação, como ilustrado na Figura 1.

Figura 1- Áreas de estudo conjugadas na dissertação



Fonte: O autor, 2017

Sabe-se que a internet vem sendo usada para explorar e promover mudança política e social (CASTELLS, 2013). Entretanto, são poucas as pesquisas dentro da área da Linguística que fazem uma abordagem ao tema, que é em sua essência interdisciplinar. Este cenário me

¹SOUZA, Flávio. Entrevista com a professora Susan Herring, da University of Indiana. Palimpsesto, Rio de Janeiro, n. 21, jul./dez. 2015. p.340-346. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/entrevista/Palimpsesto21entrevista02ptg.pdf>. Acesso em: 27/08/2016. ISSN: 1809-3507.

motivou a optar pelo assunto. Além disso, há também duas razões pessoais por trás de minha escolha. A primeira tem a ver com minha formação acadêmica: tenho mestrado em Ciências Sociais e especialização em Linguística Aplicada. Isto justifica, em parte, meu interesse pela investigação de natureza interdisciplinar que desenvolvo nesta dissertação, ou seja a interação em uma rede social como instrumento de reivindicação político-social. A segunda se explica por eu ser membro da página de rede social, foco de minha análise: a página do Facebook da AMAST, ou Associação de Moradores e Amigos do bairro de Santa Teresa, bairro do Rio de Janeiro onde resido há nove anos.

O contexto: Santa Teresa e seu bondinho

Para aqueles não conhecedores da cidade do Rio de Janeiro, é importante esclarecer que Santa Teresa – ou “Santa”, como é chamada por seus moradores - é um bairro que fica no alto de uma colina, circundada de comunidades/favelas e recortada pelos trilhos de um bondinho elétrico, que hoje circula por um pequeno trecho entre o Largo da Carioca, no Centro, e o Largo dos Guimarães (a 4 quilômetros de distância). Um dos cenários mais pitorescos da cidade do Rio de Janeiro, Santa descortina paisagens das zonas Norte, Sul e Centro. Um de seus prédios mais importantes é o Convento de Santa Teresa, erguido no século 19 e que deu nome ao bairro. Com muitas praças e espaços culturais, Santa é tomada por sobrados antigos que abrigam ateliês, lojinhas de artesanato, bares e restaurantes.

Santa Teresa tem a especificidade de ter a AMAST, uma associação de moradores e amigos do bairro, fundada em 1980. Como toda associação de moradores e amigos de bairro, a AMAST foi constituída para tratar das necessidades do local, o bairro de Santa Teresa. Os principais temas discutidos para a melhoria do bairro são a segurança, a coleta eficiente do lixo, a preservação do silêncio, a prevenção de impactos ambientais para o bairro, que integra a Área de Proteção Ambiental (APA) e, principalmente, a preservação do sistema histórico de bondes. A partir de manifestações organizadas, a associação conseguiu garantir a preservação de seu sistema de transporte histórico, através de seu tombamento e de cobranças constantes ao poder público pela liberação de verbas para o transporte.

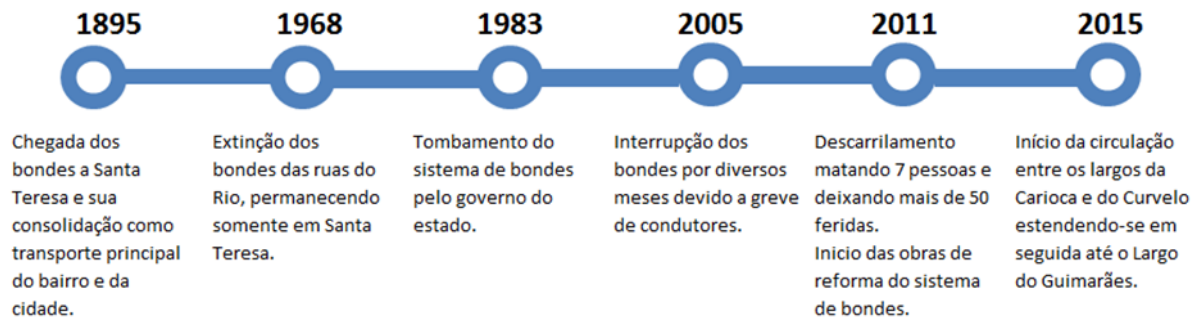
Para entender o contexto das interações entre os membros da AMAST no Facebook, é preciso que se entenda a história de seu sistema de bondes, a qual, desde sua implantação até o seu estado atual, se confunde com a própria cidade do Rio de Janeiro. Abaixo encontra-se uma cronologia resumida do sistema de bondes de Santa Teresa.

Quadro 1- Cronologia do sistema de bondes de Santa Teresa

ANO	ACONTECIMENTO
▪ 1859	Fundação da primeira linha a circular no Rio de Janeiro, então capital do Brasil.
▪ 1877	Chegada dos bondes a Santa Teresa e sua consolidação como transporte principal do bairro e da cidade.
▪ 1896 a 1966	Adoção do bonde elétrico como o principal transporte público do bairro.
▪ 1966	Paralisação das linhas Paula Mattos, Dois Irmãos e Silvestre devido à queda de barreiras.
▪ 1968	Extinção dos bondes das ruas do Rio, permanecendo somente aqueles de Santa Teresa.
▪ 1975	Diminuição do número de veículos de 28 para 18. À época, os bondes transportam entre 25 a 30 mil pessoas por mês.
▪ 1983	Tombamento do sistema de bondes pelo governo do estado, o que inclui todo o sistema de transporte, inclusive os trilhos, mecanismos e acessórios bem como a garagem e oficina situados no final do pequeno ramal que sai do Largo do Guimarães.
▪ 2001	Recuperação dos ramais da rua Paula Mattos, Dois Irmãos e Silvestre.
▪ 2005	Interrupção dos bondes por diversos meses devido a greve de condutores.
▪ 2011	Morte de turista ao cair dos Arcos da Lapa enquanto andava no estribo do bonde. Descarrilamento de um dos quatro bondes em circulação, em agosto do mesmo ano, causando a morte de 7 pessoas e deixando mais de 50 feridas. Circulação de bondes é suspensa e é feita sua substituição por miniônibus. Início das obras de reforma do sistema de bondes pelo governo do estado.
▪ 2015	Início da circulação dos novos bondes transportando passageiros somente entre os largos da Carioca e do Curvelo estendendo-se em seguida até o Largo do Guimarães.
▪ 2016	Ativação do ramal partindo da rua Francisco Muratori, desativado desde 1966. Interrupção das obras dos trechos restantes.
▪ 2017	Previsão da Secretaria Estadual de Transportes para conclusão da obra

A história do bonde pode ser esquematizada também como uma linha de tempo sintética, como a linha abaixo:

Figura 2- Linha de tempo sintética



Fonte: O autor, 2017

Como é fácil observar, a história do bonde é feita de começos, interrupções e recomeços. O ano de 2011 é particularmente importante para essa história. Foi nesse ano que houve a interrupção da operação do bondinho por causa de um grave acidente, no qual morreram 7 pessoas e 57 ficaram feridas, depois que um dos quatro bondes em circulação descarrilou e tombou quando descia a Rua Joaquim Murтинho, uma das principais ruas do bairro. Entre os mortos, estava o motoneiro Nelson, figura popular em Santa Teresa, o qual conduzia o veículo. Foi em 2011 também que a AMAST passou a priorizar a luta pelo restabelecimento do bondinho, tendo conseguido que obras fossem iniciadas. Desde então e até o fechamento desta dissertação, a AMAST vem negociando com o governo do estado do Rio de Janeiro para que o bonde histórico seja devolvido ao bairro em condições de conservação e segurança através da reforma dos veículos, dos seus trilhos e de sua rede elétrica aérea.

O objetivo da associação é o retorno dos 19 bondes tradicionais, plenamente restaurados, partindo do Largo da Carioca, percorrendo seus dois ramais, Silvestre e Paula Mattos, conforme ilustrado na Figura 3, circulando em intervalos de 15 minutos, desde às 5h até às 24h. Ou seja, a AMAST reivindica a operação pública do bonde como transporte essencial, servindo tanto aos moradores quanto aos visitantes. Entretanto, após quatro anos de pressão da mídia, de protestos liderados pela AMAST e de transtornos para os moradores, o bonde voltou a operar em 27 de julho de 2015, porém apenas em um trecho que vai do Largo da Carioca ao Largo do Guimarães, o que representa pouco menos de 30% do total do percurso original, como mostra a Figura 3.

Figura 3- Trajeto do bonde antes de sua última interrupção em 2011.
Novo trajeto de 2015 entre estações marcadas em vermelho.



Fonte: Adaptação pelo autor de diagrama oriundo da Internet²

De acordo com o governo do estado do Rio de Janeiro, a previsão era a de que a obra estivesse completamente pronta no primeiro semestre de 2017. Entretanto, essa finalização já teve, pelo menos, cinco adiamentos.

Associações de Bairro: a AMAST

A união de pessoas para reivindicarem juntas algum propósito comum de natureza política ou social não é novidade. De acordo com Mocelin (2009, p. 50) esses movimentos sociais têm caráter reivindicatórios e existem “quando um grupo de indivíduos está envolvido num esforço organizado, seja para mudar, seja para manter alguns elementos das sociedades mais amplas, assumindo, nesse sentido, caráter tanto de conservação quanto de transformação.

Desde 2010, o mundo tem testemunhado movimentos sociais de maior ou menor impacto que, segundo Castells (2013) já nasceram digitais. Foi na web que brotaram

²Allen Morrison: <<http://www.tramz.com/br/tto/01.html>>; acesso: 20/11/2016

movimentos como a Primavera Árabe e *Occupy Wall Street*, ambos ocorridos em 2011. No Brasil, as redes sociais também acolheram movimentos reivindicatórios como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), os movimentos feministas e os movimentos pelos direitos do público GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), entre outros, os quais ganharam maior repercussão pelo fato de terem páginas na web. Ter página na web não implica não ter uma identidade off-line: há uma número grande de movimentos sociais que optam por ter identidades off-line, com suporte online.

Em termos de meios de articulação, os movimentos sociais podem se veicular a 'associações', que podem ser definidas como “qualquer iniciativa formal ou informal de reunião de pessoas com objetivos comuns visando superar dificuldades e gerar benefícios para seus associados”, segundo Cotrin (2009, p 42). O autor explica ainda que esse coletivo de pessoas implica mútuo comprometimento, o compartilhamento de responsabilidades e capacidade de articulação. Existem inúmeras formas de associação que vão desde associações esportivas, religiosas, profissionais, de produtores até as associações comunitárias ou associação de moradores e amigos de bairro, como a AMAST, foco da presente pesquisa.

Proposta pela primeira vez em manifestação pública e através de abaixo-assinado, em junho de 1978, a AMAST teve seu registro de fundação em 10 de julho de 1980. De acordo com as informações disponíveis em seu site (www.amast.org.br), a AMAST, em sua versão offline, se define como uma forma simples de organização coletiva com capacidade de articulação social e política não partidária em defesa dos interesses da sociedade. Tem personalidade distinta daquela de seus associados e responde pelos compromissos assumidos em sua Assembleia Geral. Segundo o estatuto da AMAST, entre seus principais objetivos (Art. 3º, §2), que concerne esta dissertação, está organizar a participação e o controle social, pela ação direta e pelo encaminhamento de exigências aos poderes públicos em defesa. Seus estatutos dizem textualmente que a associação tem entre seus objetivos comuns:

- a) promover e contribuir para a formação e desenvolvimento da vida comunitária dos moradores da associação;
- b) representar os moradores da associação em suas reivindicações junto aos poderes constituídos;
- c) promover e contribuir para o desenvolvimento humano, cultural, social, econômico e bem-estar da comunidade;
- d) receber e administrar recursos de qualquer espécie e de qualquer natureza;
- e) colaborar com poderes públicos, conselhos e outras entidades existentes na comunidade, dando-lhe conhecimento dos

problemas do local, pleiteando as respectivas soluções, entre outras funções.³

Entretanto, como parte do mesmos estatutos, há um destaque exclusivo o que é o de preservar. A AMAST visa à preservação

[...] do bonde histórico e tradicional como meio de transporte público diário e efetivo dos moradores e visitantes do bairro, com regularidade, conforto e segurança. b) da preservação da qualidade do ambiente natural e do ambiente cultural, aprimorando os mecanismos de proteção dos bens históricos, artísticos, arquitetônicos e urbanísticos do bairro, bem como a proteção dos bens da natureza, a mata e as encostas, a fauna, a flora e as águas(Estatuto da AMAST).⁴

Como exemplo concreto da mobilização da AMAST pela volta do bonde histórico e tradicional, a AMAST o incorporou à foto de seu perfil no Facebook até o início de 2017, através da composição da imagem abaixo.

Figura 4- Foto da capa da página da AMAST no Facebook.



Fonte: Associação de Moradores de Santa Teresa⁵

A composição mostra uma foto colorida das ruas de Santa Teresa com uma inserção em preto e branco do antigo bondinho. A rua fotografada parece bucólica pois lhe foram retirados os carros. A posição central que o bondinho ocupa na foto, bem como a escolha em tê-lo representado em preto e branco, sugerem duas possíveis intenções. Uma é remeter aquele que acessa a página aos tempos de outrora, quando Santa Teresa tinha o bonde como meio de transporte de seus habitantes. A segunda possível intenção é enfatizar a centralidade

³<<http://amast.org.br/quem-somos/estatuto>>; acesso em: 14/01/2017.

⁴ Ibid.

⁵AMAST: <<https://www.facebook.com/amast.santateresa/>>; acesso em 30/11/2016.

do bonde nos propósitos da página para esta associação de moradores. É belamente ambígua a inserção porque não sabemos se o bonde está indo embora ou se está vindo na direção daquele que habita ou visita Santa, visto que os bondes tradicionais não têm parte traseira nem dianteira. Era o motorneiro que simplesmente tomava a posição na direção que o bonde seguia, após serem revertidos os encostos dos assentos. Mas seria mesmo essa a representação que os moradores fazem desse meio de transporte? Estariam os participantes das discussões no Facebook, almejando um retorno ao passado, a uma ideia romântica de bonde?

A Página da AMAST no Facebook possui mais de 12.000 seguidores. Os principais tópicos sugeridos para debate são: transporte, segurança, preservação do silêncio e meio-ambiente. A página, mantida pela associação, é um espaço em que participantes podem postar informação e fazer perguntas e comentários. As postagens são analisadas por um mediador e podem ser publicadas ou não, dependendo do grau de relevância de seu conteúdo. Desta forma, os administradores parecem assegurar que os assuntos tratados estejam dentro do âmbito dos tópicos propostos e reivindicados pela associação.

A Dissertação

Esta dissertação parte de algumas pressuposições. A primeira delas é que a página do Facebook da Associação tenha a capacidade de instigar e fomentar discussões entre os participantes da página ('moradores' e 'amigos' de Santa Teresa) sobre os tópicos de interesse da AMAST, além de reportar as tratativas com os poderes municipal e estadual. A segunda é que no meio das interações e de acordo com o espírito da associação será possível encontrar trechos de discurso deliberativo, através do qual os membros da associação poderão propor soluções para as problemas do bairro. A última pressuposição é que ao discutirem problemas e deliberarem soluções, os participantes das discussões darão pistas sobre as representações que fazem dos atores sociais envolvidos em suas causas.

Meu objeto de pesquisa são os diálogos dos membros da AMAST em sua versão online, ou seja, as interações dos moradores e amigos da associação no Facebook. Em termos específicos, analiso as representações dos atores sociais feitas pelos participantes da página do Facebook. Conhecendo-se os tópicos de interesse da AMAST o objetivo deste estudo é tentar levantar como se dá a percepção da associação e dos leitores-participantes da página com relação aos tópicos sobre os quais interagem. O foco de minha análise é o discurso online produzido em uma página do Facebook.

Inicialmente averiguarei a presença ou não de discurso deliberativo, usando as marcas desse discurso conforme elencadas no capítulo 2. Para fazer um levantamento dos atores sociais e de como são representados usarei o sistema sociossemântico de representação de atores sociais, doravante sistema RAS, desenvolvido por van Leeuwen (2008), baseado nos princípios e elementos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). O sistema RAS, a ser discutido no capítulo 2, é muito eficiente em mapear as formas pelas quais as pessoas falam/escrevem sobre outras pessoas ou coisas e criam representações próprias dessas pessoas ou coisas. Como diz van Leeuwen (2008), há uma grande diferença entre o fazer e o dizer, já que no dizer, recontextualizamos as situações originais e delas fazemos representações individualizadas ou coletivas. Desta forma, ao usar o sistema RAS, é possível identificar no discurso aquelas representações esporádicas e aquelas que são mais frequentes, aquelas que são apagadas e aquelas a quem/que se pode atribuir características específicas. Essas potencialidades são fundamentais para a decisão de lançar mão dessa abordagem e aplicá-la a construções de teor social.

Tomando por base os diálogos mantidos por esses moradores e participantes na página da AMAST no Facebook, a pesquisa visa a responder às seguintes perguntas:

- 1) Há evidências de padrões de discurso deliberativo em suas interações?
- 2) Quais os atores sociais mencionados mais frequentemente?
- 3) Como esses atores são representados pelos interactantes na página da associação?
- 4) Qual a função dessas representações?
- 5) Há atores excluídos nas interações?

A dissertação está dividida em cinco capítulos além do capítulo introdutório. O capítulo 1 apresenta um foco na internet, discutindo organizações em redes, redes sociais, suas origens e principais conceitos e o papel que elas vêm desempenhando no âmbito do ativismo social e político.

A proposta deste estudo é reintroduzida no capítulo 2 no qual apresento as correntes teóricas que servirão de base para a minha análise. É aqui que descrevo o sistema RAS, de van Leeuwen (2008), e outros aspectos necessários para a discussão final, além do recorte necessário para justificar os filtros que farei no sistema de representação dos atores sociais.

O capítulo 3 descreve a metodologia em si, os critérios de seleção do corpus, além de detalhar o método de análise.

As análises se concentram no capítulo 4. Nele, apresento as postagens e, além das análises à luz do sistema RAS, a discussão propriamente dita. Algumas conclusões a que podemos chegar aparecem nas análises, referindo-nos às postagens.

O capítulo final trará as conclusões gerais, resposta às perguntas da pesquisa e possíveis desdobramentos, associando as conclusões tiradas do nível da microestrutura - das postagens - aos recortes teóricos do nível da macroestrutura.

1 A INTERNET E AS REDES SOCIAIS

Este capítulo tem por objetivo introduzir o tópico principal da dissertação que são as práticas digitais e a atuação do cidadão. Para esse fim, começo mostrando a diferença entre Internet e web, discuto o que pode ser uma rede de comunicação para em seguida apresentar o que são as redes sociais e em particular o que é o Facebook.

1.1 A Internet e a vida em rede

Começo minha discussão com a pergunta tradicional constante das discussões sobre os meios digitais: o que é a Internet? A Internet, também chamada de rede mundial de computadores, pode ser definida como o conjunto de computadores conectados entre si por meio de várias redes que, por sua vez, se conectam umas às outras até formar uma grande rede. Em termos de sistema, a Internet é um sistema digital que permite que nos comuniquemos por meio de textos, vídeos e imagens com qualquer pessoa conectada na grande rede ao redor do mundo, e de maneira totalmente interativa. A internet compreende computadores, tecnologias, infraestrutura e processos de conexão. Esta simples definição do que ela compreende não dá ideia do que ela vem sendo capaz de fazer.

De acordo com Leiner et al. (2016):

A Internet revolucionou o mundo dos computadores e das comunicações como nada havia sido feito antes. A invenção do telégrafo, telefone, rádio e computador prepararam o caminho para essa integração inédita de capacidades. A Internet é, ao mesmo tempo, um veículo de transmissão de alcance mundial, um mecanismo de disseminação de informação e um meio de colaboração e interação entre indivíduos e seus computadores, sem restrição de localização geográfica.⁶

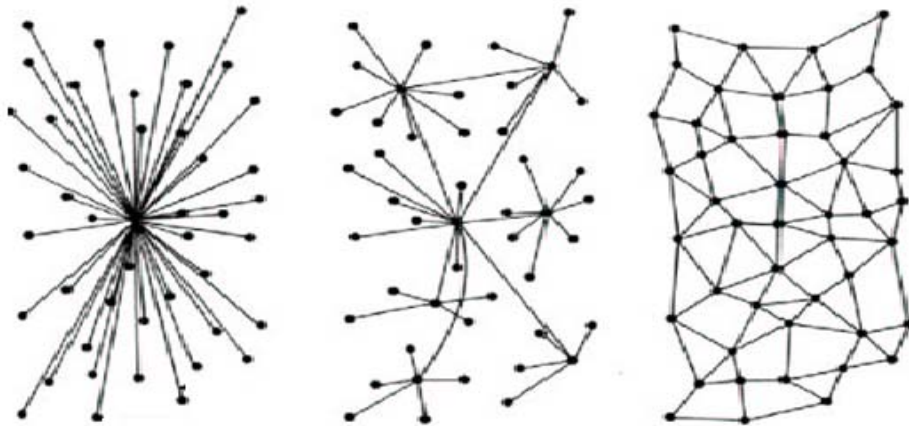
⁶Minha tradução para: *The Internet has revolutionized the computer and communications world like nothing before. The invention of the telegraph, telephone, radio, and computer set the stage for this unprecedented integration of capabilities. The Internet is at once a world-wide broadcasting capability, a mechanism for information dissemination, and a medium for collaboration and interaction between individuals and their computers without regard for geographic location.* (Leiner et al, 2016, disponível em: <http://www.internetsociety.org/internet/what-internet/history-internet/brief-history-internet>)

Existe um outro termo também citado nas discussões sobre meios digitais – a ‘web’ – que é confundido frequentemente com a Internet. A *web*, ou *world wide web*⁷ é a ferramenta utilizada por milhões de pessoas para interagirem na internet. A *web*, ao contrário da Internet, organiza as informações e coloca as pessoas em rede. Ela é um ambiente onde textos/documentos são publicados, disponibilizados e acessados. Tais textos e documentos (que podem conter imagens, vídeo, áudio e elementos de software) podem ser publicados em um formato chamado HTML (*Hypertext Markup Language*) e o conjunto desses documentos, chamado de *site* ou *sítio*, é disponibilizado pela Internet. Desta forma, a *web* utiliza a internet, mas ela em si não é a internet. Sempre que acessamos um *site*, estamos navegando na *web*, mas quando usamos o Messenger ou o Facebook, por exemplo, estamos usando um aplicativo que usa a internet e não necessariamente a *web*. Além disso hiperlinks adicionados a essas páginas facilitam a navegação entre outras páginas da *web*. Páginas com um tema/domínio em comum compõem um *sítio/site*. O conteúdo de um *web site* pode ser modificado pelo usuário, dono do *site*, ou pode receber contribuições de outros usuários, tudo depende do propósito do *site*: informar ou entreter, dentro das esferas governamentais ou não governamentais.

Como já foi dito acima, o processo de comunicação entre humanos na internet é feito através de computadores em rede, que se conectam através de nódulos (*nodes*), ou pontos de conexão. O tráfego pelas redes pode se dar de vários modos: alguns pontos de conexão podem transmitir e receber informação com menor ou maior frequência que outros. Abaixo temos uma tentativa de representar diagramaticamente como uma rede de computadores pode operar, conforme a proposta inicial de Baran (1962).

⁷ O termo Web 2.0 surgiu, pela primeira vez, em outubro de 2004, durante uma “conferência de idéias”, entre a O’Reilly Media e a Media Live International, ambas empresas produtoras de eventos, conferências e conteúdos relacionados principalmente às tecnologias da informação. Em linhas gerais, Web 2.0 diria respeito a uma segunda geração de serviços e aplicativos da rede e a recursos, tecnologias e conceitos que permitem um maior grau de interatividade e colaboração na utilização da Internet. (Bressan, 2009, disponível em: http://www.usp.br/anagrama/web2.0_Bressan.pdf).

Figura 5- Tipos de rede



Tipo A: Centralizado Tipo B: Descentralizado Tipo C: Distribuído

Fonte: Baran (1962, p. 4)

A ilustração de Baran acima representa visualmente como o autor via as configurações das redes de computador em termos de sobrevivência após algum possível ataque por arma. As redes distribuídas seriam aquelas que teriam menos fragilidade. A ilustração pode também representar uma metáfora visual para como operam as assim chamadas redes sociais de hoje em dia. Numa rede centralizada por exemplo, um só nó transmite e recebe pacotes de informação. A informação não é distribuída uniformemente e tende a se concentrar em um ator, cuja importância e poder são assim marcados. Poderíamos dar como exemplo uma rede formada por professor (nó) e alunos (pontos conectados ao nó), na qual somente o professor postasse para sua classe e somente o professor recebesse postagens de sua classe.

No tipo B, o tipo descentralizado, há nós que se interconectam mais do que outros nós, que por sua vez se conectam a outros nós de menor ou maior interconexão. No tipo B, ainda verificamos nós centralizadores, mas estes estão ligados a outros nós centralizadores. Este tipo pode ser exemplificado por algumas redes como as estabelecidas entre professor e alunos/representantes de turma. Tanto quanto o professor, os representantes de turma são ao mesmo tempo transmissores e receptores de maior ou menor número de determinados tipos de informações.

Já o tipo C, o chamado tipo distribuído, se caracteriza pela baixa densidade de centralização. Como dizem Weare et al. (2006, p. 4), "as redes com baixos níveis de centralização têm uma estrutura mais democrática, a qual distribui controle sobre recursos, sobre a manutenção de relações e sobre a informação de forma mais equânime entre seus

membros⁸". Este tipo, chamado de distribuído, poderia ser exemplificado por interações em algumas redes sociais, como as que vemos no *Facebook*. Não há necessariamente um centro. Mas todos podem se conectar a todos potencialmente.

Tendo de forma resumida falado sobre como o tráfego de informação pode ser feito de nóculo para nóculo e de ser humano para ser humano, passo agora a discorrer sobre as redes sociais propriamente ditas e sobre o *Facebook* em particular.

1.1.1 As redes sociais

O corpus desta dissertação foi compilado a partir da página do *Facebook* pertencente a uma associação de amigos e moradores, ou seja, foi compilado a partir das trocas interacionais que aparecem em uma página abrigada por uma rede social. Assim sendo, é necessário que se entenda um pouco sobre redes sociais em geral e o *Facebook* em particular.

As redes sociais podem ser definidas como plataformas para trocas de conteúdo *online*. Diferentemente de outras mídias (como televisão ou a mídia impressa), as redes sociais consistem de tecnologias baseadas na Internet e/ou em tecnologias móveis. As redes sociais podem incluir *blogs*, compartilhamento de música, de imagem e de vídeo em plataformas dedicadas ou gerais, sites para postagem de mensagens assíncronas e para mensagens instantâneas, *crowdsourcing* (levantamento de fundos e de recursos humanos para determinada tarefa) e *voice over internet protocol* (VOIP, ou seja, transmissão de voz através da Internet). Algumas redes sociais são bem conhecidas, como por exemplo o *YouTube*, o *Twitter*, o *Pinterest* e, no caso da fonte dos dados desta dissertação, o *Facebook*. A maior diferença entre as mídias tradicionais e as sociais, de acordo com Titagos (2013) é o modo de transmitir e consumir mensagens. Nas mídias sociais o compartilhamento e o consumo são participativos.

1.1.1.1 O Facebook e suas funções

⁸Tradução minha para: Organizations with low levels of centralization have a more democratic structure that distributes control over resources, maintenance or relationships and information more evenly among their members.”(WEARE ET AL., 2006, p.4)

O *Facebook* como uma mídia social começou a existir em 2004. Ele já foi definido como um conjunto de espaços online no qual os indivíduos têm a oportunidade de se apresentar, articular suas redes sociais ou manter conexões com outras redes sociais (ver ELLISON et al., 2007). Foi definido também como uma ferramenta para a comunicação mediada por computador (CMC), de natureza assíncrona que permite comunicação (um para um, um para muitos) e colaboração durante um espaço de tempo através do modo “*different time-different place*” (ASHLEY, 2003 apud BODOMO, 2010). Ele compreende um sistema complexo, dentro do qual se encontram desde páginas de indivíduos comuns, páginas de celebridades, de partidos, de sindicatos e pequenos coletivos até redes informais de amigos, de associações de bairro, entre outras. O *Facebook* abarca diferentes identidades, objetivos e práticas, que podem incluir atividades políticas (ver COSTA, 2016), facilitadas pelo fato de a organização dos grupos de interesse não necessitar dividir o mesmo espaço físico para mobilizar seus membros e atingir seus objetivos.

No discurso mediado pelo *Facebook*, o meio geralmente configura o formato e o tempo em que as interações⁹ ocorrem. Além de ser organizada em formato de rede, a comunicação pode ser síncrona (através do *Messenger*) ou assíncrona, com vários participantes interagindo em momentos diferentes.

Segundo Ellison et al. (2007), inicialmente, a pesquisa sobre o uso do Facebook, na sua primeira década de existência, focou na apresentação de identidade e problemas de privacidade, nos padrões de uso em termos de intervalo de tempo entre uma postagem e outra, além da relação entre o ‘perfil’ do usuário e sua articulação e número de ‘amigos’. Mais recentemente a pesquisa vem se concentrando na análise textual de como as práticas discursivas oscilam entre a linguagem oral e a escrita, entre uma ou várias línguas, entre aquilo que é textual e aquilo que é multimodal (ver TAGG; SEARGEANT, 2016, p. 348).

Em termos de funções, à época da escrita desta dissertação, o Facebook fornecia as seguintes opções:

⁹ Entenda-se que há diferença entre interação e interatividade. A interatividade habilita a interação mas não a garante. Não há um ser humano na outra ponta. Ao passo que a interação resulta da troca entre humanos.

FUNÇÕES DO FACEBOOK	
Perfil	Quem sou eu?
Feed de notícias	Sobre o quê quero ler?
Amizades	Com quem quero me relacionar?
Fotos	O que quero mostrar?
Evento	Que atividades quero promover?
Aplicativos e jogos	Como quero interagir com amigos?
Grupo	Que interesses em comum tenho com outros?

Além dessas funções a razão de ser do Facebook é a própria página. Usuários com interesses em comum podiam participar de fóruns específicos através de uma arena virtual disponibilizada, uma página. Os recursos eram os mesmos disponibilizados para o perfil (individual). A diferença é que uma página possuía administradores que podiam filtrar as informações postadas para que estas, a princípio, não fugissem dos temas propostos para a discussão. Ou seja, era possível publicar postagens de modalidades diversas (texto, imagem, áudio e vídeo), curtir-las, compartilhá-las e comentá-las.

Para que um usuário recebesse notificações de uma página em seu *feed* de notícias (mural) regularmente, era preciso pressionar o botão "curtir" e ativar as notificações desta página através do botão "seguindo", conforme ilustrado na Figura 5 abaixo. Havia também a opção "ver primeiro", a qual possibilitava que as notificações da página fossem as primeiras notificações recebidas no feed do usuário-seguidor. Uma página também podia ser compartilhada pelos usuários.

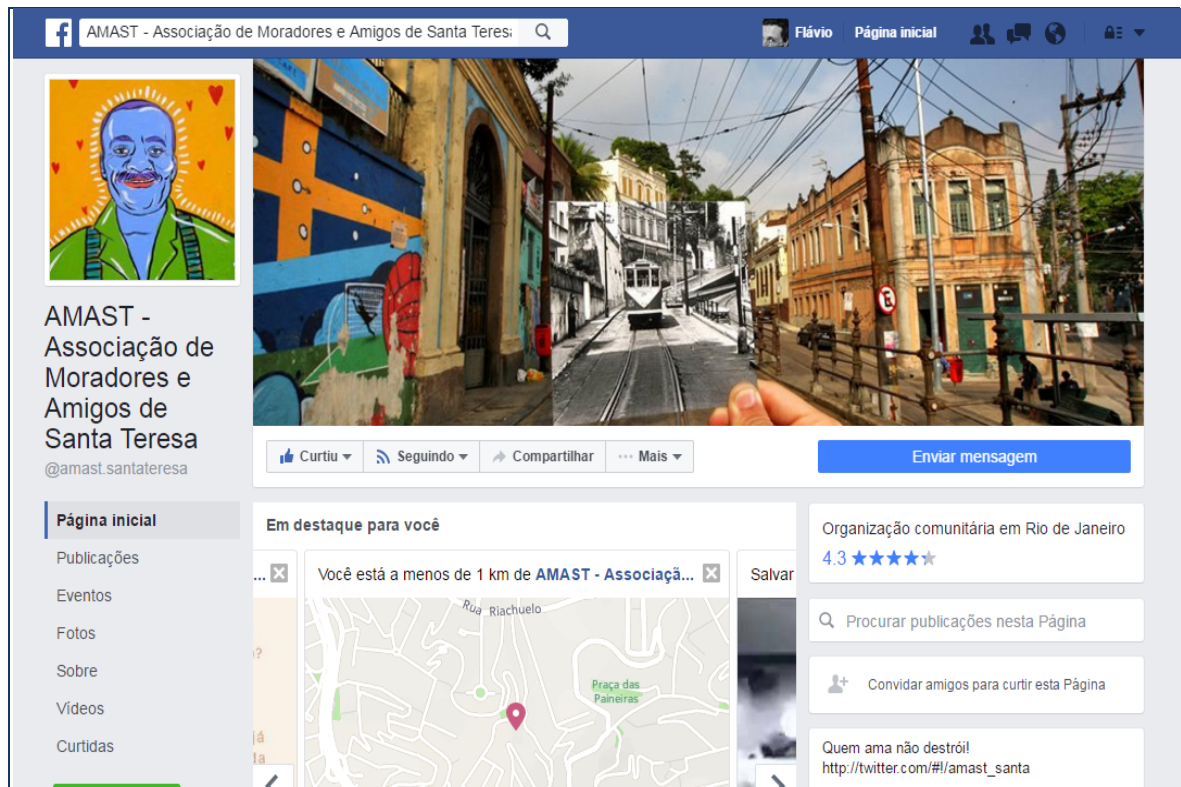
Os recursos oferecidos pela página aos administradores eram diversos, como publicar postagens adicionando um botão de chamada para ação; ativar as mensagens para que as pessoas pudessem enviar mensagens privadas, fazer perguntas e entrar em contato ou fazer sugestões; adicionar conteúdo especial à página, como um menu ou uma taxa de resposta, para que elas encontrassem informações mais rapidamente; convidar usuários e contatos para que seguissem a página e ficassem a par de tudo o que acontecesse. Também era possível usar as "informações da página" para rastrear quantas pessoas ela estava alcançando, a qual conteúdo os usuários-seguidores respondiam melhor, quantas pessoas realizaram ações, etc.

No caso desta pesquisa, os recursos disponibilizados na página da Associação de Moradores de Santa Teresa (AMAST) para seus seguidores eram os mesmos descritos acima, conforme exemplificado na Figura 5. Cabe ressaltar que os seguidores da AMAST, cujas interações compuseram o corpus desta pesquisa, não eram necessariamente residentes de Santa Teresa. Eles podiam ser visitantes, amigos ou ter algum tipo de interesse pelo bairro. As

postagens enviadas passavam por um rastreamento e a sua publicação não era imediata, podendo levar alguns dias para que os membros da associação, os quais eram voluntários, pudessem processar a informação. Havia moderadores, os quais buscavam manter o foco nas interações entre os seguidores e uma certa conduta de comportamento. Embora os membros da diretoria da associação pudessem participar individualmente dos fóruns de discussão como qualquer outro seguidor, quando o faziam, não atuavam especificamente como moderadores. Os moderadores tinham um papel específico de prestar esclarecimentos, responder a questionamentos, fornecer informação e orientar os seguidores.

Na ocasião desta pesquisa, o recurso página do *Facebook* era amplamente adotado por associações de moradores. Bastava uma pesquisa no próprio Facebook para se constatar que o número de associações de moradores online era bastante significativo.

Figura 6- Recorte da página da AMAST



Fonte: Facebook

1.2 Discurso digitalmente mediado e práticas digitais

O foco desta dissertação é a prática digital de uma associação de bairro, colaborando e deliberando para a melhoria de seu bairro através de seus atores sociais mais importantes, seus

moradores. Esse foco é compatível com abordagens recentes da linguística aplicada. Como afirmam Jones et al (2015) essas abordagem mais recentes não olham somente o discurso como ponto de partida, mas as práticas situadas que as pessoas usam para se comunicar. Segundo O autor:

As tecnologias digitais tem possibilitado uma variedade de novas formas para as pessoas se comunicarem, administrarem relações sociais e alcançarem objetivos. Os recursos que a mídia digital proporciona para a produção de textos multimodais, por exemplo, trazem a tona paradigmas analíticos que focam somente em linguagem escrita ou falada. Espaços de escrita interativa como blogs e redes sociais tornam possível muitas formas diferentes de interação social do que as encontradas em conversação face-a-face e textos escritos tradicionais.¹⁰ (Jones et al 2015, p. 1)

A partir da segunda metade da década de 1960 e a primeira da década de 1970, entende-se por texto uma unidade linguística superior à sentença formada por “uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma *concatenação pronominal ininterrupta*”, uma sequência coerente de enunciados. Já na segunda metade dos anos 1970, há uma virada pragmática, quando o texto é considerado uma unidade básica de comunicação ou interação humana, compreendendo o contexto enquanto situação comunicativa (KOCH, 2006, p. 4). Uma importante propriedade de textos na qual analistas do discurso estão interessados é a forma como eles criam conexões com outros textos. Ou seja, a forma como os textos através dos hipertextos tecem uma maneira peculiar de criar coerência e coesão.

Segundo Jones (2015), o texto possui três características. A primeira característica é o que se entende por **textura**. Ou seja, uma propriedade de conexão criada através da **coesão** e da **coerência**. Coesão é a forma como diferentes partes do texto se reúnem usando recursos sintáticos e semânticos de qualquer sistema semiótico que esteja sendo utilizado no momento. E coerência é a forma como as diferentes partes do texto são ordenadas sequencialmente de forma que possa ser reconhecida pelos leitores como lógica e significativa. (HALLIDAY e HASAN 1976; SCHEGLOFF AND SACKS, 1973 apud JONES, 2015).

A segunda característica de um texto refere-se a este apresentar propriedades denominadas como "**packing**" e "**flow**" afim de que seja propício à análise do discurso. "**Packing**" é a combinação de diferentes elementos usando princípios da sintaxe e semântica e

¹⁰Tradução minha para: *Digital technologies have given rise to a host of new ways for people to communicate, manage social relationships, and get things done. The affordances digital media provide for the production of multimodal texts, for example, call into question analytical paradigms that focus only on written or spoken language. Interactive writing spaces such as blogs and social network sites make possible very different forms of social interaction than those found in face-to-face conversation and traditional written texts. (Jones et al 2015, p. 1)*

"*flow*" refere-se a organização desses elementos em algum tipo de padrão temporal (GEE, 2014).

A terceira característica é a ideia de que a **textura** existe para que os leitores façam uso dela. Para os analistas do discurso, sintaxe e semântica não têm a ver somente com regras e estruturas - elas apresentam os recursos textuais básicos que as pessoas usam em suas práticas sociais. A forma como a textura se manifesta em diferentes tipos de texto varia consideravelmente. Halliday e Hasan (1976) fazem a distinção entre os textos que apresentam uma **textura firme**, ou seja, a maioria das conexões entre as partes são explícitas. E aquelas que apresentam uma **textura solta**, as conexões entre as partes são menos explícitas, dependendo de maior inferência dos leitores para conectá-las.

Em seu artigo clássico sobre coerência textual em textos de chat, Herring (1999) discute como fenômenos tais como adjacência interrompida, trocas de falas sobrepostas e degeneração de tópicos dão a algumas formas de comunicação mediada por computador uma textura muito mais solta do que as encontradas em conversações face-a-face ou em textos impressos. Porém a autora também argumenta que essa incoerência aparente pode, de fato, facilitar uma crescente interatividade e criatividade.

No caso de uma associação de moradores, é através da linguagem que os participantes emitem opiniões, fazem críticas e sugestões, apóiam posicionamentos e pressionam os dirigentes da associação. As suas práticas digitais em geral são caracterizadas por uma desinibição por parte de seus participantes, uma vez que são mediadas pelo meio em que se apresentam, não havendo interações face-a-face. A comunicação mediada por computador proporciona um distanciamento inerente a esta forma de comunicação que possibilita e incentiva a participação e permite que as interações ocorram em pé de igualdade, sem a imposição de uma hierarquia. Ou seja, os seguidores da página participam independentemente de sua condição social, histórico de vida, nível de formação, profissão, idade, etc. Suas identidades são construídas através do seu posicionamento, do conteúdo que abordam e da forma como interagem (SALIÉS, 2014).¹¹

É difícil definir práticas digitais pois elas se modificam para atender as demandas de novas circunstâncias ou para responder aos recursos e restrições de novas ferramentas digitais. A este processo de constante modificação O autor se refere como um "nexo de prática" (SCOLLON apud JONES, 2001). Ou seja, uma configuração de ferramentas e ações com várias convenções e histórias associadas a elas as quais se juntam para formar sequências

¹¹ Comunicação pessoal, Tania Saliés, 2014. Aula na pós graduação stricto sensu, UERJ.

reconhecíveis de ações e disponibilizar aos atores entre si identidades sociais reconhecíveis. E é devido a esta variedade de circunstâncias que não se pode traçar um perfil das práticas digitais de determinado grupo baseando-se somente nos temas abordados e nos recursos do meio digital. Conforme propõe esta pesquisa, é preciso averiguar o comportamento linguístico dos participantes dos fóruns para que se possa obter um perfil mais fidedigno sobre o comportamento dos mesmos.

A seguir discorrerei sobre como a linguagem utilizada pelos indivíduos nas redes de comunicação pode formar suas identidades virtuais.

1.3 A alteridade em rede

Segundo a concepção de Mikhail Bakhtin (1895-1975), não é possível a desvinculação da personalidade do indivíduo da língua (discurso), uma vez que *“a atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente estilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua”* (BAKHTIN, 1992:188). A língua só existe em função do uso que locutores (quem fala ou escreve) e interlocutores (quem lê ou escuta) fazem dela em situações de comunicação. Os participantes utilizam o conhecimento de enunciados anteriores para formular suas falas e redigir seus textos. Além disso, um enunciado sempre é articulado pelo falante para o contexto social, histórico, cultural e ideológico.

Assim sendo, os indivíduos se constituem na relação com a alteridade. Esse processo não surge da consciência dos mesmos mas sim através das interações, das palavras, dos signos. Da mesma forma a Comunicação Mediada por Computador (CMC), através da Internet, apresenta semelhante potencial tanto em sua organização, através de hipertextos, como em sua composição textual variada. Aliado a isso, como meio de comunicação democrático, apresenta também mais um caminho alternativo para as relações sociais e dialógicas não-presenciais.

Para melhor caracterizar o conceito de linguagem de Bakhtin e como ele pode funcionar na Internet, faz-se necessário entendê-la como meio de comunicação social sendo capaz de reunir todos os meios disponíveis até o momento (imprensa, fotografia, rádio, televisão, telefone, vídeo e outros suportes de gravação). A análise do discurso mediado por

computador se baseia em conceitos da informática para delinear uma análise própria onde o meio vai configurar a forma e o tempo em que as interações ocorrem. Um aspecto importante que contribui para uma maior participação dos interactantes é que a CMC distribui o poder, descentraliza a liderança e suspende a inibição natural dos participantes, além de atenuar responsabilidades. Isso se dá porque os participantes (cidadãos comuns) não estão diretamente expostos a críticas e julgamentos neste tipo de comunicação. Ter um interesse comum e um fórum onde se possa falar em pé de igualdade e respeito, ou seja, com regras de expressão pré-definidas, com certeza eleva o nível do debate. O que se busca na realidade é um canal através do qual se possa ter voz. E as redes sociais apresentam grande potencial para cumprir bem esse papel.

O enunciado é visto por Bakhtin como a unidade da comunicação discursiva. Ele só pode ser citado e não repetido, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento, um evento único. Além disso, quando este é tratado apenas sob o prisma da língua e de sua organização textual, o enunciado não pode ser a frase enunciada, que se constituiria em partes textuais enunciadas, mas trata-se de uma unidade mais complexa que transcende os limites do próprio texto (FERRAZ, 2007). Os romances, as crônicas, as saudações, as cartas, as conversas de salão, etc. são considerados exemplos de enunciado.

Desta forma, ao tomarmos como exemplo uma postagem no Facebook que reúne texto escrito e falado com imagens estáticas ou em movimento, além dos dispositivos linguísticos da Internet como os emoticons, hashtags e memes¹², temos aí um sem-fim de combinações, componentes de um enunciado. No caso do Facebook, decidi, para os fins dessa pesquisa, que os delimitadores do enunciado seriam: i) as postagens (que podem conter apenas texto impresso, imagens, vídeos, áudios e suas diversas combinações); ii) os comentários (que podem conter texto impresso, imagens, vídeos, áudios e suas combinações); iii) as curtidas e reações (que fazem parte tanto das postagens quanto dos comentários); e iv) os compartilhamentos (que funcionam como hipertextos e vão fazer parte de outros enunciados). Todos esses componentes contribuem para a diversidade semiótica dos enunciados na linguagem virtual.

Segundo Bakhtin, a noção de alteridade se relaciona com pluralidade, ou seja, “*é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições*”, (BAKHTIN apud FERRAZ, 2007). Isso nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo e consciência se constituem e se

¹²Fenômeno de "viralização" de uma informação: qualquer vídeo, imagem, frase, idéia, música e etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.

elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres. A alteridade é o alicerce da identidade. Da mesma forma, o hipertexto constitui o alicerce da linguagem virtual e também possibilita a formação de identidade e construção do sujeito. Conforme afirma Ferraz (2007):

O hipertexto é um espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido, sendo definido como uma tecnologia de enunciação, um modo de enunciação digital. Refere-se ao enunciado concretizado que possui algum mecanismo remissivo que o conecta a outros enunciados. A hipertextualidade, enunciação digital maior, seria uma instância dialógica da linguagem (sic). (FERRAZ, op.cit., 33)

O hipertexto em meio digital resulta de um conjunto de interfaces emprestadas de outras mídias e pode ser definido por um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmo serem hipertextos.

A linguagem da internet como um gênero de discurso possui características próprias que possibilitam a interação como também podem dificultá-la. Essa interação é condicionada pelos códigos próprios que constituem este gênero de discurso. O indivíduo compartilha uma base de códigos definidos e de comum acordo e, assim, leva em consideração o outro, semelhante a ele, passível de interação. É justamente a função de fomentadora de diálogo entre diferentes tipos de pessoas que faz da internet um lugar de interações e integrações sociais. Porém, se por um lado, para participar deste mundo de relações virtuais, é preciso compartilhar de um código específico de linguagem, por outro lado, a interatividade peculiar ao meio nos compele a entender, criar e recriar tais códigos. Mais uma vez, nos deparamos com uma relação dialógica em que indivíduos, não necessariamente de forma consciente, tem a possibilidade de participar coletivamente da construção do conhecimento.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO

A presente dissertação tem como objetivo analisar discursivamente as interações entre os participantes da versão online da Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa (AMAST). Para tal, o estudo reflete sobre a natureza do discurso entre membros de uma associação de bairro. Este capítulo começa, portanto, com uma breve introdução acerca do que vem a ser o Discurso Deliberativo na tentativa de entender o objetivo das interações dos leitores da página da AMAST. Em seguida faz uma breve apresentação a respeito da Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF) e sua interface com o modelo de van Leeuwen (2008). Explico como o modelo entende atores sociais, o que significa a representação desses atores no discurso, as categorias de representação, bem como detalhamento de como cada categoria é realizada linguisticamente. O arcabouço teórico de van Leeuwen possibilita a análise de como participantes de práticas sociais podem ser recontextualizados no discurso. Apesar de o trabalho de van Leeuwen ser sobre a língua inglesa, os *insights* teóricos oferecidos são de interesse a qualquer analista que trabalha com a recontextualização de papéis sociais na interface entre as ciências sociais e a linguística.

2.1 O Discurso Deliberativo

Minha expectativa com relação às interações da AMAST online é que poderia caracterizá-la como um exemplo típico de discurso deliberativo. Esse tipo de discurso tem origem na *Retórica* de Aristóteles (2005) e é comumente caracterizado como a *arte da persuasão*¹³, isto é, a arte que estuda os procedimentos que permitem a um orador fazer o outro aderir aos pontos de vista que defende. A persuasão pode ser usada em dois domínios: na vida pública e no contexto particular. Na esfera pública é usada em contextos em que é possível deliberar, quando se trata dos interesses da sociedade e dos cidadãos, ou em assembleias públicas e tribunais. No contexto privado, a persuasão possa ser usada em

¹³ Entende-se o termo “arte” não no sentido moderno, que o aproxima das *belas-artes*, mas no sentido antigo de uma *técnica* ou de um *sistema de regras práticas* que possibilitam ao orador obter o assentimento do auditório por intermédio do discurso.

diálogos e em conversas privadas. Em suma, conforme assinala Nunes (2015), a retórica é uma arte que trata de questões que são do domínio do conhecimento comum e para as quais não existe arte específica, isto é, questões que não têm resposta científica e que podem ser objeto de deliberação por parte de um auditório.

Abaixo, discuto com mais detalhes o que é o discurso deliberativo.

2.1.1 Gêneros de discurso retórico

Existem, segundo Aristóteles, três gêneros de discurso retórico: o *judicial*, o *epidítico* e o *deliberativo*. Cada um destes gêneros tem características específicas que ajudam a caracterizá-los e, ao mesmo tempo, a distingui-los uns dos outros (NUNES, op.cit). O quadro abaixo apresenta as características principais de cada um deles.

Quadro 2- Os três gêneros do discurso retórico

	Auditório	Tempo	Ato	Valores	Argumento-tipo
Judicial (Forense)	Juízes	Passado (fatos por julgar)	Acusar Defender	Justo Injusto	Entimema (dedutivo)
Epidítico (Demonstrativo)	Espectador	Presente	Louvar Censurar	Nobre Vil	Amplificação
Deliberativo (Político)	Assembleia	Futuro	Aconselhar Desaconselhar	Útil Nocivo	Exemplo (indutivo)

Fonte: NUNES, 2013¹⁴

O **discurso judicial** é o usado por oradores nos tribunais. Tem por auditório os juízes e como intenção acusar ou defender, mostrando por meio do *entimema* que uma determinada ação ocorrida no passado (uma vez que só podemos julgar o que já aconteceu) é justa ou injusta.

O **discurso epidítico** tem por auditório os espectadores no conselho e a sua intenção é elogiar ou censurar, mostrando por meio da amplificação que alguém, devido às ações que praticou, é virtuoso ou vicioso, belo ou feio.

O **discurso deliberativo** tem por auditório os membros de uma assembleia, a quem se procura aconselhar ou dissuadir, mostrando por meio do *exemplo* que qualquer ação

¹⁴ Disponível em <<http://criticanarede.com/anunesargumentacaoeretica.html>>; acesso em 03/06/2017.

futura possível (uma vez que só podemos deliberar sobre o que ainda não aconteceu) é conveniente ou prejudicial. Esta seria a forma do discurso político por excelência.

Segundo Dalhberg (2001), para se perceberem deliberações online a fim de facilitar o discurso crítico-racional, certos requisitos sociais e técnicos têm de ser alcançados. Dalhberg (op.cit.) elaborou uma taxonomia para a constatação da existência do discurso deliberativo.

- a) ***Autonomia do estado e do poder econômico.*** O discurso deve ser guiado pelas preocupações dos cidadãos orientadas à esfera pública e não pelo dinheiro ou poder administrativo.
- b) ***A troca e crítica de demandas de validade moral e prática.*** A deliberação envolve um engajamento em crítica recíproca de posições normativas que são munidas de razão ao invés de simplesmente afirmadas.
- c) ***Reflexividade.*** Os participantes têm de examinar criticamente seus valores culturais, suposições e interesses, bem como o contexto social maior.
- d) ***Sinceridade.*** Cada participante deve fazer um esforço sincero em prover toda informação relevante ao problema específico em consideração, incluindo informações relacionadas a intenções, interesses, necessidades e desejos.
- e) ***A inclusão e a igualdade discursiva.*** Cada participante afetado pelas pretensões de validade em consideração tem direito de apresentar e questionar qualquer afirmação que seja. A inclusão pode ser limitada pelas desigualdades do discurso externo - por restrições formais ou informais ao acesso. Isto também pode ser limitado pelas desigualdades dentro do discurso, onde alguns dominam discurso e outros lutam para terem suas vozes ouvidas.
- f) ***A adoção de papéis.*** Os participantes devem tentar entender o argumento a partir da perspectiva do outro. Isto requer um compromisso com um diálogo constante através do qual os interlocutores respeitosamente escutam uns aos outros.

Alguns teóricos como Davies e Gangadharan (2009) afirmam que a tecnologia possibilita o discurso deliberativo, através de tecnologias sociais. Estas podem permitir novos tipos de deliberação de discurso como também novas formas de reivindicação.

Existem marcas para análise do discurso deliberativo¹⁵. Ele pode se dar através de modalizadores verbais. A literatura apresenta muitos casos de processos de modalização dos quais destacamos os *verbos de atitude proposicional e modos e tempos verbais*, conforme os exemplos a seguir, todos retirados do corpus compilado para esta dissertação:

a) Verbos de atitude proposicional que exprimem opinião e dizem da participação, inclusão e igualdade discursiva. São eles: os verbos conjugados em primeira pessoa, os quais são utilizados para expressar a opinião dos interactantes como *concordo, acho, duvido, estou, sou, falei, adoro, apóio, espero*, conforme os exemplos 1, 2 e 3 a seguir.

Exemplo 1¹⁶

Concordo em número gênero e grau.

Exemplo 2

Duvido que a Comlurb vá recolher.

Exemplo 3

Sou contra os barulhentos eventos.

b) Verbos que exprimem crítica e/ ou prescrição: *deveria, deve, deveriam, seria* e vem acompanhados do infinitivo, conforme ilustrado nos exemplos 4, 5 e 6 a seguir.

Exemplo 4

[...] *área verde que deveria ser protegida.*

Exemplo 5

[...] *também seria uma irresponsabilidade.*

¹⁵ Comunicação pessoal, Tania Shepherd e Tania Saliés, 2014. Aula na pós graduação stricto sensu, UERJ.

¹⁶ Este exemplo, como todos os demais, foram extraídos dos dados online coletados por este pesquisador. As datas da coleta, neste caso, não são importantes para resultados.

Exemplo 6

*Como **seria** natural o poder público[...]*

c) Verbos que exprimem chamadas a mobilização: **vamos**, **precisamos**, **vejam**, conforme os exemplos 7, 8 e 9 abaixo.

Exemplo 7

***Vamos** colocar cartazes ao longo do trajeto!*

Exemplo 8

***Precisamos** "desinflar" o carnaval.*

Exemplo 9

***Vejam** o cartão que está aparecendo na caixa de correio.*

d) Também se destaca a preposição **para** que antecede muitos verbos no infinitivo indicando tomadas de decisão ou críticas ao que deveria ter sido feito ou está por fazer, conforme os exemplos 10 e 11 a seguir.

Exemplo 10

***Para orientar** foliões e ambulantes*

Exemplo 11

*E quando ocorre é **para multar** carros de moradores.*

Estas são, em suma, as poucas pistas para detectarmos se o discurso em geral e o discurso online da AMAST em particular podem ser caracterizados como sendo de natureza deliberativa.

Passo agora a focar a linguística sistêmico-funcional, enquanto instrumento de análise dos atores sociais no discurso, instrumento teórico que usarei para responder as demais perguntas de pesquisa.

2.2 A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) como instrumento de análise

Nesta dissertação utilizo a orientação da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) desenvolvida por Halliday (2004) e a partir dela aplico o sistema de representação dos atores sociais (RAS) para levantar, através de suas categorias analíticas, como interagem alguns participantes em comunicação virtual. Ambas são teorias complexas e abrangentes, mas interligadas, as quais buscam explicar os fenômenos da linguagem em situações reais de uso.

A LSF foi desenvolvida por Halliday a partir dos anos de 1950. Tem como ponto de partida as abordagens linguísticas de natureza funcionalista e antropológica desenvolvidas na Europa a partir dos anos de 1920. Matthiessen (2012) explica que a LSF é uma linguística aplicável, ou seja “uma espécie de linguística na qual a teoria tem o potencial de ser aplicada para resolver problemas que surgem em comunidades no mundo, envolvendo reflexão e ação¹⁷.” Ainda segundo Matthiessen, a LSF influenciou o surgimento das assim chamadas Linguística Crítica e depois Análise de Discurso Crítica. Essa última é a análise de discurso que engloba a teoria a ser usada nesta dissertação, a teoria de representação de atores sociais de van Leeuwen, a ser discutida mais adiante.

A LSF adota uma visão de linguagem composta de dois eixos: o sintagmático e o paradigmático. O eixo sintagmático tem a ver com a sequência de palavras, cada uma servindo a uma função gramatical distinta, que compõe a estrutura de uma frase. Vista de um outro ângulo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 20) “a estrutura é o ordenamento sintagmático da linguagem, seus padrões, suas regularidades e o que vai junto com o quê”. O sistema, por outro lado, é o ordenamento no outro eixo: a padronização do que poderia ocorrer ao invés do quê¹⁸.” Esse eixo, paradigmático, tem a ver com as escolhas lexicais disponíveis na língua, escolhas essas que podem ocupar cada um dos espaços no sintagma. Assim, a linguagem é tida como sistêmica porque oferece sistemas de escolhas linguísticas, cada uma dessas escolhas para um contexto distinto e cada qual para realizar um sentido ou função. Em resumo, a LSF se ocupa das relações entre a língua como um todo e as diversas modalidades da interação social. Estuda a linguagem em situações reais de uso, tomando, assim, por objeto

¹⁷ Tradução minha para: *Applicable linguistics is a kind of linguistics where theory is designed to have the potential to be applied to solve problems that arise in communities around the world, involving both reflection and action.*

¹⁸ Tradução minha para: *Structure is the syntagmatic ordering in language: patterns, or regularities, in what goes together with what. System, by contrast, is ordering on the other axis: patterns in what could go instead of what.* (Halliday; Matthiessen, 2014: p. 20)

de análise o texto e o contexto. Texto é entendido, portanto, como um comportamento social realizado linguisticamente.

Segundo Halliday, a linguagem possui três **metafunções**. Ao produzir linguagem, o enunciador faz escolhas a partir dos sistemas dessas metafunções de modo simultâneo e integrado. Os significados resultantes convergem em uma unidade: a oração (ver FONTAINE, 2013). As três metafunções, que são funções básicas da comunicação, podem ser explicadas da seguinte forma:

a) **Ideacional** - a linguagem tem como finalidade a manifestação de conteúdos que estejam ligados à experiência que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo, interior;

b) **Interpessoal** – a linguagem é mantenedora das relações sociais, com a finalidade de expressar papéis sociais na qual haja contato entre dois ou mais indivíduos.

c) **Textual** – a linguagem estabelece vínculos com ela mesma e está ligada às características da situação em que é usada. Nessa função, o indivíduo – falante ou escritor – é capaz de criar textos, enquanto o ouvinte ou leitor consegue distinguir um texto de um conjunto aleatório de frases. A função textual é, pois, um instrumento das outras duas, já que o ato comunicativo necessita sempre da elaboração de discursos.

Essas três metafunções se combinam e se atualizam simultaneamente nas orações, estabelecendo o, assim chamado, CONTEXTO DE SITUAÇÃO em três frentes: na representação de uma visão de mundo externo e interno (**ideacional**), na troca entre interlocutores estabelecendo quem fala com quem e que posições toma (**interpessoal**) e na mensagem, ou materialização dos textos (**textual**).

No caso desta dissertação, o Contexto de Situação pode ser descrito da seguinte forma:

a) A metafunção ideacional se caracteriza através dos assuntos e visão de mundo contextualizada através das interações. Em outras palavras, ao interagirem, os participantes da página da AMAST moram como vêem o mundo.

- b) A metafunção interpessoal pode marcar assimetrias de poder nestas interações. Pode também marcar graus de distanciamento. São amigos os membros da associação? Existem "inimigos" ou outros?
- c) A metafunção textual mostra que tipos de textos são organizados e formados; se são textos completos ou fragmentos; se são hipertextos, se fazem uso de multimídia (gifs, memes, etc.).

Nesta dissertação, lido com a forma pela qual os interactantes representam através do discurso, o modo como vêem o mundo,isto é,com as representações. Em outras palavras, trabalho com a metafunção ideacional. Para poder trabalhar com esta função, o foco de análise é o que Halliday denomina de **processo de transitividade**. Este é formado por três componentes definidos a partir do grupo verbal apresentado na oração. São eles:

- a) O processo em si, realizado por um grupo verbal;
- b) Os participantes no processo, materializados por um grupo nominal;
- c) As circunstâncias associadas ao processo, materializadas por um grupo adverbial ou locução preposicional.

O bonde	transporta	muitos moradores	com conforto
Participante 1 (que realiza a ação)	Processo Material	Participante 2 (afetado pela ação)	Circunstância (classifica o modo com o qual o participante é transportado)

O Sistema de Transitividade de Halliday, no qual a Teoria de Representação Social de van Leeuwen está baseada, é formado por três componentes: a) **o processo** (grupo verbal); b) **os participantes** (grupo nominal); c) **as circunstâncias** associadas ao processo (grupo adverbial ou locução preposicional).

A base deste sistema, o processo, é formada pelos grupos verbais, os quais ajudam a definir os tipos de participantes (grupos nominais) correspondentes a seus respectivos processos e identificar como determinados atores sociais são incluídos no texto e sob quais circunstâncias. Os tipos de processo definidos por Halliday são: a) **material** (verbos de fazer); b) **comportamental** (verbos de proceder); c) **mental** (verbos de afeição, cognição e percepção); d) **verbal** (verbos de dizer); e) **relacional** (ser, ter ou estar, significar, representar); f) **existencial** (ter, haver, existir).

Quadro 3- Atores/ Participantes Centrais e Periféricos

Participante Central	Processos	Tipos de Verbos	Participante Periférico
Atores	Material	Verbos de fazer: fazer, comer, andar, escrever, emergir.	Meta, escopo, beneficiário, atributo
Comportantes	Comportamental	Verbos de proceder: respirar, sonhar, sorrir, tossir, dormir, escutar.	Comportamento
Perceptivos/ Experienciadores	Mental	Verbos de afeição, cognição e percepção: pensar, gostar, saber, sentir, ouvir, ver, querer, desejar.	Fenômeno
Dizentes	Verbal	Verbos de dizer: falar, dizer, contar, retrucar, replicar, afirmar, declarar, gritar, espantar, contestar, solicitar, aconselhar, indagar, questionar.	Verbiagem, receptor, alvo
Portadores/ Identificado (Token)	Relacional	Ser, ter ou estar, significar, representar.	Atributo, identificador
XXX	Existencial	Ter, haver, existir	Existente

Fonte: O autor, 2017.

Os processos, participantes e circunstâncias são elementos que traduzem nossa experiência de mundo através da linguagem. Assim, é bem diferente dizer, por exemplo, que “o bonde parou” e “houve um acidente que causou a parada do bonde”, ou mesmo “o governo vem mantendo o bonde parado”. Há vários tipos de processos com participantes específicos e vários tipos de circunstâncias. Por isso, um ponto central para o estudo do processo de transitividade é a questão da escolha.

Ao realizar um significado através de um item lexical ou uma frase, o enunciador está realizando uma escolha dentre outras prováveis, fazendo com que o uso da língua tenha um caráter probabilístico (HALLIDAY, 1992a). Isso é importante para uma análise sobre

representações. Se o enunciador faz escolhas de processos, participantes e circunstâncias para falar sobre um determinado ator social, estará criando representações distintas. No caso de *o bonde parou*, nos exemplos acima, o bonde será o sujeito lógico de um processo de ergatividade¹⁹ (o bonde parou), dotado de vontade própria; poderá ser simplesmente um adjunto de uma nominalização (a parada do bonde) ou será a meta de uma ação do participante governo (mantendo o bonde parado).

Por fim, e essencial para o estudo desta dissertação, se as representações são feitas de forma repetida e sistemática, elas podem vir a caracterizar um pensamento coletivo, um “Habitus”, como diz Bourdieu (2002). *Habitus* diz respeito às disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo de seu processo de socialização. Habitus integra experiências passadas além de atuar como uma matriz de percepções e de apreciações de ações. Essa “matriz”, ou conjunto de disposições, nos fornece os esquemas necessários para a nossa intervenção na vida diária. Conforme afirma Bourdieu, essas disposições não são fixas, não são a personalidade nem a identidade dos indivíduos: “*habitus* é um operador, uma matriz de percepção e não uma identidade ou uma subjetividade fixa” (BOURDIEU, 2002, p. 83). Dessa forma, podemos investigar essa matriz de percepção coletiva circunscrita a um período definido na história do bonde de Santa Teresa.

Na próxima seção, abordo um capítulo sobre representação de atores sociais que faz parte da obra de van Leeuwen (2008), intitulada *Discourse and Practice - New Tools For Critical Discourse Analysis*.

2.3 A representação de atores sociais no discurso

van Leeuwen (op.cit.) afirma que as identidades sociais, descritas e construídas no/pelo discurso, podem ser reveladas através da investigação linguística de participantes em práticas sociais. Sua proposta teórico-metodológica tem como objetivo verificar quais são os diversos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados discursivamente e que escolhas a língua nos dá para nos referirmos aos mesmos. Para tal, o seu ponto de partida é relacionar os atores sociais ao contexto sociocultural, e ao descrevê-los baseia-se na gramática

¹⁹Fenômeno que caracteriza algumas línguas e que consiste no fato de o sujeito dos verbos intransitivos e o objeto dos verbos transitivos terem a mesma marca morfológica, a de caso absolutivo, ao passo que o sujeito dos verbos transitivos apresenta marca casual diferente, a de ergativo.

funcional de Halliday (1978, 1994). Antes de discutir van Leeuwen, entretanto, é necessário que entendamos o que são atores sociais.

2.3.1 Atores sociais

Segundo Mocelin (2010) os atores sociais podem ser definidos como indivíduos, organizações ou grupos envolvidos em práticas sociais, como a produção ou o consumo de bens ou serviços. Tais indivíduos ou grupos manifestam interesses sociais, econômicos, políticos e culturais de maneira articulada, geralmente expressos através de formas perceptíveis. A manifestação coletiva é normalmente regida pelo comportamento dos que ocupam uma mesma posição na estratificação social, pois obedecem a uma ética consensualmente aceita e/ou partilham do que Bourdieu (2002) classifica como *habitus*.

O ator social, suas expectativas e interações são o ponto de partida da moderna sociologia (TOURRAINE, 2007, p.82). Independentemente dos paradigmas que hoje dividem o campo sociológico a figura do ator social é sempre uma constante, embora os teóricos lhe concedam um lugar maior ou menor de análise. O que esses paradigmas compartilham é ter o ator social como ponto de partida, para depois reconstruir o campo social em que ele atua.

2.3.2 Quem é o ator de van Leeuwen?

O ator social parece ser também uma das preocupações da análise do discurso praticada por van Leeuwen (op.cit.). Em sua obra, O autor esboça um inventário sócio-semântico dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados e estabelece a relevância sociológica e crítica de algumas categorias linguísticas para os identificar. Em sua análise, O autor não parte de operações linguísticas *a priori*. Ao invés, desenvolve um inventário sociossemântico das maneiras pelas quais tais atores sociais podem ser representados como agentes ou pacientes. E antes de se voltar para a questão de como elas são realizadas linguisticamente, estabelece uma relevância crítica das categorias.

Van Leeuwen (op.cit.) aponta duas razões para não partir de operações linguísticas *a priori*. A primeira é que acredita não haver um encaixe perfeito - que ele classifica como correspondência um a um (*bi-uniqueness*) - entre as categorias sociológicas e linguísticas. Esta dificuldade se potencializa em um trabalho, como o nosso, que lida com categorias que foram concebidas para a língua inglesa em um trabalho sobre a língua portuguesa. Para van Leeuwen, a análise crítica do discurso, ao investigar o fenômeno chamado 'agência' e tentar se aproximar muito das operações ou categorias linguísticas, pode ignorar muitas das instâncias relevantes da própria agência. Segundo O autor, Halliday (1985, ch. 10) abordou o problema de falta de correspondência um a um (*bi-uniqueness*) de outra forma: através de sua teoria de metáfora gramatical. Isto é, certas realizações linguísticas são "literais" ou "congruentes", outras "metafóricas" ou "incongruentes". Mas no entendimento de Halliday, "congruente" pareceria significar "congruente com o sistema gramatical", mais do que "congruente com a realidade", o tipo de congruência que, em última instância se apresenta em sua maior parte nas definições de metáfora.

A segunda razão pela qual O autor não parte de operações linguísticas *a priori* é de certa forma diferente e se baseia na suposição que significados pertencem à cultura mais do que à linguagem e não podem estar amarrados a nenhuma semiótica específica (van Leeuwen, 2008, p. 24). Ele propõe que essas categorias de representação dos atores sociais (Quadro 2) devam ser vistas como pan-semióticas. Ou seja, categorias com significado ampliado em extensão e abrangência, já que uma dada cultura (ou um dado contexto de uma cultura) não só tem a sua própria e específica ordem de formas de representar o mundo social, como também as suas próprias formas de representar as diferentes semióticas nesta ordem (van Leeuwen, 2008, p. 171).

No discurso, as representações e as relações dos atores sociais sofrem uma distribuição que não reflete necessariamente a prática social. Ou seja, não é necessário que haja congruência entre o papel que os atores sociais desempenham de fato em práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos no discurso (VAN LEEUWEN, 1997, p. 186) - daí podermos falar de representações. Por exemplo, pode-se apagar um determinado ator social importante através de certos recursos linguísticos, por motivos que têm a ver com modos de ver ou propósitos do enunciador, mesmo que o ator em questão seja participante importante da prática social.

As categorias de representação dos atores sociais propostas por van Leeuwen pertencem a uma rede de sistemas linguísticos distintos e complexos que contempla tanto

aspectos léxico-gramaticais como figuras retóricas. Esses sistemas linguísticos no discurso passam por transformações através de processos que envolvem o apagamento, a reestruturação e a substituição da consistência linguística. Dentre essas, destacamos os processos de exclusão e inclusão. Segundo O autor, as representações incluem ou excluem atores sociais para servir aos seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem (VAN LEEUWEN, 1997, p. 183).

Seguindo o modelo de representação de van Leeuwen, exemplificarei sua teoria através da utilização de exemplos do meu próprio corpus, isto é, meus exemplos serão retirados das trocas entre os participantes do fórum da AMAST. Minha proposta é abordar as categorias de representação de van Leeuwen uma a uma e exemplificá-las para o português através dos meus dados.

2.4 Maneiras de representação de atores no discurso

As principais categorias de análise de van Leeuwen são a exclusão e a inclusão, ou seja, o discurso pode incluir atores ou excluí-los parcial ou totalmente. No Quadro 2, apresento o sistema de representação de atores sociais de van Leeuwen, com os dois pontos de entrada, mas já com todos os rótulos traduzidos para o português. Em seguida ao quadro, inicio falando sobre a exclusão.

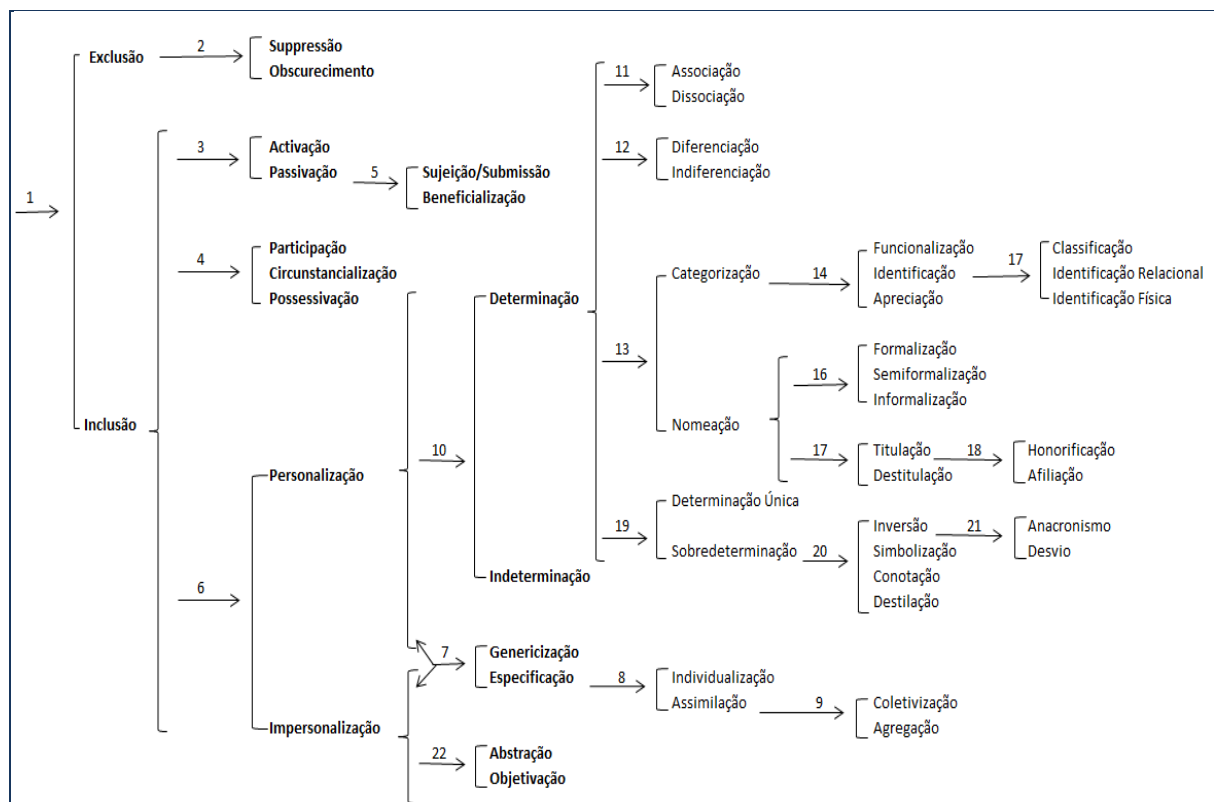
2.4.1 Exclusão: supressão ou obscurecimento

Segundo van Leeuwen (2008) excluir atores sociais do discurso tem se mostrado um importante aspecto da análise crítica do discurso. Algumas exclusões não deixam rastro na representação, apagando tanto os atores sociais como suas atividades. Mas como saber se algo foi excluído totalmente, se não se tem acesso à prática social original? A solução para o problema pode se dar em duas frentes. Ou se detecta a exclusão, comparando dois textos que partem de uma mesma prática (textos jornalísticos acerca de um mesmo fato) ou a detecção da

exclusão baseia-se nas expectativas do analista sobre a existência de determinados atores ao delinear o contexto social em que tais atores estariam inseridos.

Desta forma, é necessário fazer a distinção entre *supressão* e *obscurecimento* (ou *backgrounding*). No caso da supressão, não há referência aos atores sociais em questão em nenhum lugar no texto. Já no caso do obscurecimento a exclusão é menos radical: os atores sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada ação, mas são mencionados em outro lugar no texto, e podemos inferir sua existência com razoável certeza de quem são. Mas como a supressão é realizada?

Quadro 4 - Categorias de representação dos atores sociais.



Fonte: LEEUWEN, van, 2008A, p. 52, adaptado para a língua portuguesa.

Primeiro, há a clássica realização através da exclusão do agente da passiva, conforme os exemplos 12, 13 e 14 a seguir.

Exemplo 12

Não fomos informados sobre os detalhes da pauta, mas estaremos lá! (julho/2016)²⁰

Exemplo 13

Encontrada: filhote branca, olhos verdes, fêmea.

Exemplo 14

Este quadro caótico dos ônibus em Santa acontece graças ao "pacto pela governabilidade", cantado em verso e prosa na época das eleições.

No exemplo 12, o *nós* se refere aqueles que respondem pela página da AMAST. O agente da passiva foi apagado, que nesse caso poderiam ter sido os organizadores do encontro com o governo e/ou o porta-voz do próprio governo. No exemplo 13, a figura de quem achou a cadela foi omitida. A página da AMAST preferiu priorizar a descrição do animal, feita através de palavras e uma foto. No exemplo 14, depreende-se de que aqueles que cantam um 'toma-lá-dá-cá' de favores (pacto pela governabilidade, entre aspas) seriam os políticos.

A segunda forma de se realizar a supressão pode ser através do uso do sujeito indeterminado: aquele que, embora existindo, não pode ser determinado nem pelo contexto, nem pela terminação do verbo. Na língua portuguesa, há três maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

1) Com verbo na 3ª pessoa do plural:

O verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração). Veja o exemplo a seguir:

Exemplo 15

***Taparam** os buracos – **botaram** os postes no meio da calçada.*

2) Com verbo na voz ativa na 3ª pessoa do singular, seguido do pronome **SE**, conforme o exemplo 16.

Exemplo 16

²⁰Este e os demais exemplos neste capítulo de teoria foram extraídos do corpus relativo ao mês de julho de 2015. Desta forma, não repetirei o mês e ano de obtenção a não ser que o exemplo tenha sido oriundo de outro mês/ano.

Objetiva-se propiciar um espaço de diálogo e construção coletiva, compartilhando experiências.

No exemplo 16, o verbo vem acompanhado do pronome ‘se’, que atua como índice de indeterminação do sujeito. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular.

3) Com o verbo no infinitivo impessoal:

Exemplo 17

*É difícil **caminhar** nas calçadas de Santa Teresa.*

Os exemplos 15 e 16, são manifestações de supressão do sujeito por meio da indeterminação. O exemplo 17, entretanto, é o caso do infinitivo impessoal *caminhar* ser sujeito de *é difícil*, ou seja, *caminhar nas calçadas de Santa Teresa é difícil* – havendo supressão porque o participante foi literalmente apagado.

A terceira forma de se realizar a supressão de atores sociais em língua portuguesa é através da nominalização e substantivos oriundos de processos. O processo de criação de uma nominalização implica transformar “*x criticou y*” em “*foi feita uma crítica de y*”; transformase “*as autoridades elevaram o preço do leite*” em “*a elevação do preço do leite*”. A nominalização portanto, suspende ou desconecta as relações normais entre participantes, obscurecendo quem fez o que a quem. Observem-se os seguintes exemplos:

Exemplo 18

*A **crítica** sobre o uso de trilhos de segunda categoria.*

Esse exemplo de nominalização pode ter seguido os seguintes passos para sua formação:

1. *O governo usou trilhos de segunda categoria*
2. *A associação criticou o governo*

3. *A associação criticou o governo pelo uso de trilhos de segunda categoria.*
4. *A crítica do uso de trilhos de segunda categoria.*

Exemplo 19

*E os passageiros que faleceram também por **relaxamento** da manutenção dos bondes?*

Exemplo 20

*A **incompetência** gera atrasos. Os **atrasos** geram \$\$\$.* Não existem acasos ou erros aqui.

O exemplo 19 acima indica que os passageiros faleceram em consequência de um acidente fatal porque um ator obscurecido pela nominalização *relaxamento*, no caso alguma instituição governamental, negligenciou a manutenção dos bondes. O exemplo 20 também apresenta um ator obscurecido pelas nominalizações *incompetência* e *atrasos*.

Para discutir o padrão de inclusão e exclusão no texto (corpus), é necessário trazer as várias formas nas quais cada categoria de ator social é representada sob um denominador comum. Porém, estes denominadores comuns não apresentam uma maneira mais transparente ou congruente de referir-se a eles. Servem como uma âncora para a análise, um tipo de calibragem (VAN LEEUWEN, p. 31). No exemplo 21 a seguir, temos o caso de um caminhão ser representado como o sujeito ativo da ação, o que na realidade obscurece o verdadeiro responsável pelo transtorno causado por ele: o hotel.

Exemplo 21

*O caminhão **ocupa** a calçada na curva, com risco de atropelamento e acidentes com veículos que trafegam em mão dupla [...]*

No exemplo 22 o sujeito é indeterminado pelo verbo no plural e o hotel já aparece como beneficiário de um processo material (descarregar).

Exemplo 22

Roubado??? Estavam descarregando gelo para o hotel. Vi isso ontem.

Já no exemplo 23, o motorista do caminhão aparece como sujeito ativo dizente (aquele que fala ou diz) representando o hotel.

Exemplo 23

*Encontrei com o motorista do caminhão da empresa que abastece o Hotel Santa Teresa. Tentei falar sobre o transtorno causado pelo estacionamento irregular cometido por ele. Com a arrogância comum dos que se acham acima da lei, **disse** que iria estacionar sim e que mesmo já tendo sido multado não iria procurar local mais adequado.*

E o que essas escolhas representam? A questão apontada por van Leeuwen é, apesar dos exemplos lidarem com a mesma realidade, qual deles corresponderá melhor a tal realidade? Este é um problema que a análise de texto não pode resolver. O que pode ser feito, entretanto, é investigar quais opções são escolhidas em quais contextos institucionais e sociais. E porque estas escolhas foram feitas, que interesses são favorecidos por elas e quais os objetivos alcançados (VAN LEEUWEN, 2008, p. 33).

2.4.2 Inclusão

A inclusão é definida por como os atores sociais são materializados no texto (ver sessão 2.2, página 40). Oposto de exclusão, a inclusão é subdividida em 3 grandes grupos:

- a) Ativação/passivação
- b) Participação/circunstancialização/possessivação
- c) Personalização/impersonalização

2.4.2.1 Ativação

A ativação ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas em atividade. Segundo van Leeuwen, uma prática social pode ser realizada por participantes que são materializados através de certas funções gramaticais, por estruturas de transitividade nas quais os atores sociais (Quadro 3) são ativados e codificados. Abaixo nos

itens **a**, **b**, **c**, **d** e **e**, apresento um breve resumo dos processos, assim como são apresentados pela gramática funcional hallidayana (HALLIDAY, 2004).

a) **Atores:** em processo material através do qual alguma entidade *faz*(verbos de fazer) alguma coisa que pode ser feita para alguma outra entidade. Os processos materiais tem um ator (obrigatório) e uma meta (opcional);

b) **Comportantes:** em processos comportamentais fisiológicos (verbos de proceder). A maioria das orações com processos comportamentais tem um único participante: o que se comporta;

c) **Perceptivos/ experienciadores:** em processos mentais de sensação, exprimindo noções de sentir, pensar e perceber(verbos de afeição, cognição e percepção). Os participantes num processo mental são conhecidos como o que sente - sensor, e o aquilo que é sentido - fenômeno;

d) **Dizentes:** em processos verbais (verbos de dizer) interpretados num sentido amplo e cobrindo qualquer espécie de troca simbólica de significado. A entidade que verbaliza é o enunciador. A quem a verbalização é dirigida se denomina **recipiente ou recebedor**, a verbalização em si chama-se de **verbiagem** e o participante, que é o objeto da verbalização, chama-se **alvo**.

e) **Portadores:** em processos relacionais (verbos ser, ter, estar). A ideia central em orações de processo relacional é ‘que alguma coisa é, tem ou está.

Os **processos materiais** são processos de fazer, relacionados a ações do mundo físico (Halliday, 1994). Nesse sentido, eles são responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), sejam elas criativas ou de transformação.No exemplo 24 a seguir, um grande grupo de familiares, amigos e vizinhos de um jovem morto em um assalto em Santa Tereza são retratados com atores que fazem (se dirigiu).

Exemplo 24

*Ontem, após a cerimônia de sepultamento de Rafael Neris, um grande grupo de familiares, amigos e vizinhos se **dirigiu** até o Palácio das Laranjeiras pedindo para falar com o Governador.*

Os **processos mentais** lidam com a apreciação humana do mundo. Através de sua análise é possível detectar quais crenças, valores e desejos estão representados em um determinado texto. De acordo com Halliday (1985), são os processos do sentir, os quais incluem processos de percepção (ver, ouvir, perceber, etc.); de afeição (gostar, amar, odiar, assustar-se, agradar, etc.); e de cognição (pensar, saber, compreender, perceber, imaginar, etc.). Os participantes para esse tipo de processo são o experienciador (quem pensa) e o fenômeno (o que é pensado). No exemplo 25, os atores sociais podem ser representados como tal em processos de afeição (*esperamos*) e percepção (*achamos*).

Exemplo 25

*É isso que **esperamos** que ele esteja fazendo. É isso que **achamos** que todos os que vivem situações semelhantes façam. E **esperamos** também que eles tenham sucesso com as ações que moverão.*

Os **processos verbais** são processos de dizer, e estão na fronteira entre os processos mentais e os relacionais. Para Halliday (1994), os processos verbais não precisam possuir um participante humano. Aqui, construções como *a TV disse que...* e *o relógio diz que são oito horas...* são perfeitamente aceitáveis. Por essa razão, Halliday diz que esses processos podem também ser definidos como processos de simbolizar. Quatro são seus participantes: a) o dizente, que realiza a ação; b) o receptor, para quem a mensagem é direcionada; c) o alvo, a entidade que é atingida pelo processo; d) a verbiagem (palavreado), a mensagem propriamente dita. É importante observar que os processos verbais podem possuir orações projetadas, normalmente relacionadas ao discurso indireto. Nesses casos, a oração projetada deve ser analisada separadamente, observando-se seus próprios constituintes como no exemplo 26 a seguir:

Exemplo 26

*Me **disseram** que não tinha mais como liberar a entrada de ninguém porque a viagem já tinha lotação máxima.*

Um ator social dizente também pode ser observado no exemplo 27 a seguir, onde os atores dizentes *um de seus amigos*, *um outro companheiro* e *nós, moradores do bairro* se materializam ao empregarem os verbos (falou, dizendo, corrigiu, dizer).

Exemplo 27

*Ao fim da cerimônia, um de seus amigos, aos prantos **falou**: "Ele estava no lugar errado, na hora errada!" Hora em que, seguido dos aplausos de todos, um outro companheiro **corrigiu, dizendo** mais ou menos isso: "Como a um rapaz trabalhador a caminho de seu emprego (ou mesmo que exercendo o seu direito de ir e vir, em seu próprio bairro) podemos **dizer** que estava em hora e lugar errado? Errado estava o policial que o alvejou e depois executou sua morte. Pois como pode o povo continuar pagando esses doentes mentais para matarem o próprio povo?"*

O último tipo de processo é o **existencial**, que se encontra entre os processos relacionais e os materiais. Proposições existenciais são realizadas tipicamente pelos processos haver, existir e ter (em português brasileiro), sendo que outros processos, como emergir, surgir e ocorrer podem ser considerados existenciais em alguns contextos. Nesse processo, há apenas um tipo de participante, o *existente*. Podemos observar exemplos de processos existenciais no exemplo 28 a seguir. Os atores sociais materializados neste exemplo são um bonde (tinha um bonde) e um trem (tinha um trem).

Exemplo 28

*Filho, sei que é estranho, mas em Santa Teresa **tinha** um bonde. **Tinha** um bonde em Santa Teresa. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. O bonde subia e descia. Não pegava trânsito. Era tipo um BRT, só que não poluía. O prefeito da máfia do ônibus acabou com ele. Também **tinha** um trem que levava do Rio a São Paulo –o trem de prata. A gente jantava, dormia e acordava em outra cidade. Era mágico.*

Os processos **relacionais**, ou processos de ser, ter e pertencer possuem uma função classificatória, relacionando duas entidades no discurso. Segundo Halliday (1994, 119), todas as línguas acomodam formas sistemáticas de realização dos processos relacionais. Os participantes centrais são denominados **portadores** e os periféricos **atributos** e

identificadores. Halliday e Matthiessen (2004, p. 215) afirmam que todas as línguas possuem formas de expressar significados relacionais, os quais podem ser divididos em: 1) Intensivos; 2) Circunstanciais e 3) Possessivos. Os intensivos estão relacionados à caracterização, expressando significados do tipo X é/está Y. Os circunstanciais relacionam uma entidade a uma circunstância, expressando significados do tipo X está em/como X. Já os possessivos estabelecem uma relação de posse/pertença, expressando significados do tipo X tem Y. Essas três relações (HALLIDAY, 1985, 1994 e HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) podem exercer duas funções dentro do sistema de transitividade: Atribuir e Identificar.

2.4.2.2 Passivação

A passivação é identificada quando os atores sociais são representados como submetendo-se a uma atividade, ou estando no lado receptor dela como beneficiário. Isto também pode ser realizado pelos mesmos participantes que são materializados através de certas funções gramaticais (HALLIDAY, 1985, ch. 5). A passivação se desdobra em **sujeição/submissão** e **beneficialização**.

No exemplo 29 observamos a passivação do agente através do emprego da voz passiva e da partícula "se" indicando que uma festa foi prolongada por um agente oculto (os anfitriões), mas não indeterminado.

Exemplo 29

*Ontem à noite, quinta-feira, **uma festa**, que aconteceu na Rua Aprazível, **prolongou-se** até a primeira hora da madrugada de hoje.*

2.4.2.2.1 Sujeição/ Submissão

Como na ativação, a passivação do ator social por submissão pode ocorrer de várias formas. Pode ser realizada pela participação quando o ator social passivado for a meta no processo material ou fenômeno em um processo mental (HALLIDAY, 1985, p. 43). No

exemplo 30 a seguir, o ator (cantor) foi passivado através do emprego da possessivação com relação a sua voz (voz de um cantor). Além disso, esta mesma voz funciona como objeto direto das caixas de som que a amplificam e incomodam a vizinhança.

Exemplo 30

Caixas de som de alta potência, voltadas, para o Guimarães, amplificavam a voz de um cantor de animação e sua orquestra, que se fez ouvir até na Joaquim Murinho e invadia com força os quartos de dormir de quem morava na Cândido Mendes.

A passivação pode ser realizada por circunstancialização através de um frase preposicional, como no exemplo 31, em que os visitantes são passivados (por eles).

Exemplo 31

Não temos nada contra visitantes, mas não achamos que a realidade do bairro pode e deve ser determinada por eles.

2.4.2.2.2 Beneficialização

A passivação por beneficialização se aplica a atores sociais que se beneficiam, positiva ou negativamente, através de ações de terceiros. Geralmente, beneficiários aceitam uma preposição (embora não obrigatoriamente; veja HALLIDAY, 1985, 132ff.), enquanto que metas geralmente não precisam. Metas e beneficiários também podem se tornar sujeitos de frases da passiva. Nos exemplos 32 e 33, os atores sociais, grupo de familiares e Richard (um gato), passam a ser sujeitos da passiva onde ambos são beneficiários.

Exemplo 32

O grupo de familiares entrou no palácio, mas soubemos, posteriormente, que não foi recebido pelo governador [...]

Exemplo 33

O Richard foi encontrado.

2.4.2.3 Participação

A participação de atores sociais é definida como uma função gramatical que os materializa ou quando se configuram como meta no processo material ou fenômeno em um processo mental (HALLIDAY, 1985, p.43). A participação é condição *sine qua non* para que o ator social seja ativo. Para tal, a frase tem de estar na voz ativa e o sujeito determinado. Já no caso da meta, fenômeno ou portador, a participação se materializa através do agente da passiva. No exemplo 34 a seguir, o ator social apresenta um papel ativo através de um processo material.

Exemplo 34

*Aí fulano, **Jambeiro** refazendo o painel.*

No exemplo 35 os atores são participantes porque são metas e, nesse caso, beneficiários. Eles não só foram maltratados e expulsos como também tiveram sua memória apropriada.

Exemplo 35

*Maltrataram e expulsaram os **moradores do Hotel** (o histórico, de arquitetura autentica): exatamente os tais descasados. Depois se apropriaram **de sua memória**.*

2.4.2.4 Circunstancialização

A circunstancialização se materializa através de uma sintagma preposicional, como se vê no exemplo a seguir.

Exemplo 36

*Nelson deixou saudades [...] Era um doce **de** pessoa, ia devagarzinho quando o bonde tava cheio **de** crianças indo ou voltando da escola.*

O exemplo acima materializa a circunstancialização através da preposição **de** que se emprega para classificar o ator social (Nelson) como doce e classifica os passageiros do bonde (crianças).

2.4.2.5 Possessivação

Em língua portuguesa, a pós-modificação como em *apoio público*, onde público qualifica apoio, pode materializar a ativação. As nominalizações ou substantivos de processos também podem realizar a ativação. A forma frequente deste processo é a possessivação, o uso do pronome possessivo para ativar (nosso bairro) ou passivar um ator social (do nosso bolso), como se observa no exemplo 37 a seguir.

Exemplo 37

*Precisamos saber quem está fazendo esse tipo de serviço porco em **nosso bairro**, com dinheiro que sai **do nosso bolso**.*

A possessivação também caracteriza a submissão normalmente através de um frase proposicional com **de**, **do(s)**, **da(s)** pós-modificando uma nominalização ou um substantivo de processo. No exemplo 38, o ator social é ativado através da possessivação. Ou seja, Descartes garimpou fotos e esse processo material virou *o garimpo do Descartes*, possessivação da nominalização.

Exemplo 38

*Mais uma **do garimpo fotográfico de Descartes**. Obrigado Descartes!!*

2.4.2.6 Personalização

A personalização se materializa através de escolhas representacionais que *personalizam* atores sociais, os representam como seres humanos, através de pronomes pessoais ou possessivos, nomes próprios, ou substantivos, e as vezes adjetivos. A personalização se desdobra em **determinação** e **indeterminação**. No exemplo 39 a seguir, o *bonde* é personalizado por dois motivos: através do emprego do substantivo *cria*, cujo significado nos remete a condição de filho de Santa Teresa e através do verbo *chorar* que denota uma ação tipicamente humana.

Exemplo 39

*O bonde, **cria** de Santa Teresa, **chora** a ausência do motorneiro Nelson.*

2.4.2.6.1 Determinação

A personalização por determinação ocorre quando a identidade dos atores sociais é, de uma forma ou de outra, especificada. Assim sendo, a determinação está diretamente relacionada a **participação** dos mesmos em processos de transitividade tanto na voz ativa quanto passiva. No exemplo 40, os atores sociais têm suas identidades definidas tanto como sujeito (o prefeito...) da oração quanto objeto, por meio de uma referência anafórica (com ele, o bonde).

Exemplo 40

*O bonde subia e descia. **O prefeito da máfia do ônibus** acabou **com ele**.*

2.4.2.6.2 Indeterminação

A personalização por indeterminação ocorre quando os atores sociais são representados como não especificados, indivíduos ou grupos anônimos. A indeterminação é

tipicamente realizada por: a) pronomes indefinidos (*alguém, alguns, algumas pessoas*) usados em função nominal; b) através da partícula **SE**, como no exemplo 41; c) do pronome de tratamento **VOCÊ**, quando se refere a qualquer pessoa; d) pode ser agregada, como, por exemplo, em *muitos acreditam, alguns dizem*, etc.

Exemplo 41

Mas o que se observa [...]

Nos exemplos 42 e 43, os atores sociais referem-se a *alguém* e *as pessoas* respectivamente, generalização que pode se aplicar a qualquer pessoa. A indeterminação torna o ator social anônimo. O escritor, que no caso é um participante do fórum da AMAST, trata a identidade dele ou dela como irrelevante para o leitor.

Exemplo 42

*Vá se tratar, antes que **alguém** te dê o tradicional e ultramoderno conselho.*

Exemplo 43

*Obrigada fulana, porque **as pessoas** só querem ser beneficiadas, e só olham para o próprio umbigo, mas esquecem que nem todos tem carro, esquecem dos próprios familiares.*

A indeterminação também pode ser realizada por referência exofórica generalizada que relaciona termos de fora do texto para dentro. Neste caso ela dota os atores sociais com um tipo de autoridade impessoal, como uma força coercitiva não vista mas no entanto poderosamente sentida. O exemplo 44 faz referência a um ator social que já não existe mais (um bonde) quando se remete ao passado pelo emprego da expressão *naquela época*.

Exemplo 44

*Em Santa Teresa tinha um bonde [...] **Naquela** época, as praças eram abertas e não tinham grades em volta [...]*

2.4.2.7 Impersonalização

A impersonalização ocorre quando o texto não informa ao leitor quem é responsável pela ação, como é o caso das nominalizações e apagamento do agente da passiva. Por esta razão, a impersonalização é abundante na linguagem da burocracia, uma forma de organização de ação humana governada por procedimentos impessoais. Ela se desdobra em **genericização, especificação, abstração e objetivação** e pode resultar em um ou mais dos seguintes efeitos:

- a) obscurecer a identidade e/ ou a função dos atores sociais;
- b) conferir autoridade ou força impessoais a uma ação ou qualidade de um ator social;
- c) adicionar conotações positivas ou negativas a uma ação ou proferimento de um ator social.

O exemplo 45 materializa a impersonalização dos atores sociais por meio da referência ao numeral *centenas* que quantifica *pessoas*. Muitas pessoas, que não se sabe quem são, povoam as ruas do bairro.

Exemplo 45

*Santa é um bairro vivo e vocês não podem pretender ser porta vozes desse mal estar que é vosso e a julgar pelas **centenas de pessoas** que todos os fins de semana (felizmente) povoam as ruas de santa, tenho a certeza que não sou o único que pensa assim.*

2.4.2.7.1 Generecização

A genericização se refere a escolha entre uma referência genérica e específica como um fator importante na representação de atores sociais; eles podem ser representados como classe ou como indivíduos específicos e identificáveis. Cientistas sociais tem relacionado tais conceitos de realidade a classe social. Da mesma forma, Bernstein (1971 apud VAN LEUWEEN, 2008) argumenta que códigos elaborados dão acesso a ordens de significado

universais, enquanto códigos restritos dão acesso a ordens de significado particulares e que o acesso a estes códigos é determinado.

A diferença pode ser observada, por exemplo, na forma como atores sociais são representados pelos diferentes setores da mídia. Em jornais voltados à classe média, agentes e especialistas do governo tendem a serem referidos de uma forma específica e pessoas comuns de uma forma genérica: o ponto de identificação, o mundo no qual um texto específico existe, não é o mundo dos governados, mas daqueles que governam.

A genericização pode ser materializada pelo plural sem artigo, como no exemplo 46, que não faz referência a nenhum tipo de turista especificamente.

Exemplo 46

Turistas nos visitam todos os fins de semana.

A genericização também pode ser materializada pelo emprego do singular com o artigo definido ou indefinido, conforme o exemplo 47, onde morador é generalizado a qualquer pessoa que resida em Santa Teresa.

Exemplo 47

O morador não consegue pegar na rua o bonde, pois tem apenas 32 assentos e não tem estribo.

Se substantivos de massa são empregados para se fazer uma referência genérica a um grupo de participantes, o artigo será excluído, mas esta forma pode ser usada para referência específica. Ou seja, a referência genérica é claramente dependente de um complexo de fatores, inclusive do tempo verbal. O exemplo 48 pode ser interpretado como específico principalmente pela ausência da referência ao habitual ou do tempo presente.

Exemplo 48

Corremos na outra direção mas os bandidos alcançaram as meninas e roubaram a bolsa de uma com câmera fotográfica, celular e carteira, e a jaqueta da outra menina.

No exemplo acima, apesar de bandidos e meninas serem classificações genéricas, elas se tornam específicas por ser uma descrição de um fato ao empregar-se o pretérito perfeito. Já

no exemplo 38 a seguir, a omissão do plural e o emprego do verbo de processo relacional (tem) generaliza o entendimento sobre quem seriam os moradores que gostam e acham o máximo vender alguma coisa.

Exemplo 49

*E o pior é que tem **morador** que gosta e que acha isso o máximo, está sempre louquinho pra vender alguma coisa.*

2.4.2.7.2 Especificação

A presença de um numeral pode ser interpretada como uma referência específica.

Exemplo 50

*Naquela época havia somente **quatro** bondes em operação.*

2.4.2.7.3 Abstração

A abstração ocorre quando os atores sociais são representados por meio de uma qualidade atribuída a eles pela e na representação. Um exemplo está na forma como visitantes e moradores indesejados são referidos pelo termo *hipster*, como no exemplo 40 a seguir.

Exemplo 51

*Bom exemplo dessa cultura **hipster** que nos assola.*

No exemplo acima, os atores sociais são associados a cultura hipster que parece ser frequente no local. Além do adjetivo já trazer qualidades negativas, como uma pessoa carente que abusa do artifício de "ser diferente" para chamar atenção, ele é associado a algo que assola o local como uma doença.

2.4.2.7.4 Objetivação

A objetivação ocorre quando os atores sociais são representados através da referência a um lugar ou coisa fortemente associada ou com a pessoa ou com a ação na qual eles estão representados como estando engajados. A objetivação é realizada por referência metonímica, a parte pelo todo, como em os cabeças chatas ao invés de nordestinos. No exemplo 52, a objetivação ocorre quando o bairro refere-se ao único bairro que possui um bonde como meio de transporte, o bairro de Santa Teresa.

Exemplo 52

A alma do bairro é o bonde.

Vimos acima de forma detalhada algumas formas pelas quais podemos recontextualizar o contexto social de alguma prática discursiva, ao representarmos os atores sociais dessas mesma práticas. As representações são modos de ver algo, mas não são necessariamente a cópia fidedigna desse algo.

Tendo feito essa breve revisão do arcabouço teórico a ser usado na dissertação, passo agora à discussão da metodologia.

3 MÉTODOS E DADOS

Este capítulo sobre metodologia e corpus está dividido em 3 partes. Na primeira parte discorro, ainda que de forma resumida, sobre as questões éticas envolvidas na pesquisa sobre dados oriundos da internet. Apresento as características de uma página do Facebook, que é pública, e falo sobre as implicações de ela estar exposta ao olhar e análise de qualquer leitor. Explico também o caráter quase etnometodológico de minha pesquisa. Em seguida discuto a compilação e tratamento do meu corpus, bem como forneço detalhes sobre o objeto de investigação. Ao final, abordo a minha interferência como observador participativo.

3.1 Introdução

Coletar dados de comunicação mediada por computador (CMC) a partir de rede social apresenta inúmeros problemas para o pesquisador. No que pode consistir uma coleta de dados de uma página do Facebook? Como tratar as inúmeras linhas, identificadas com o nome dos participantes das discussões? O que fazer com relação aos intervalos de postagem? Eles têm algum significado especial para o fluxo da discussão? Que tópicos suscitam a maior quantidade de comentários? Essas são perguntas que qualquer pesquisador de mídia social pode fazer ao planejar sua coleta.

Falando sobre a internet como meio de coleta e tratamento de dados, Lee, Fielding e Blank (2008, p. 3) afirmam que “não é exagero dizer que a Internet tem tido, está tendo e terá um grande impacto sobre os métodos de pesquisa, em cada um dos estágios deste processo e além dele”²¹.

Apesar de estarem se referindo à possibilidade de utilizar a internet como instrumento para se realizarem entrevistas, grupos de enfoque e questionários, os autores também concordam que a esta é um grande repositório de dados, nem sempre disponível para ser consumido. Pesquisar sobre a Internet, na Internet e através da Internet, ao mesmo tempo que oferece inúmeras oportunidades de acompanhar processos sociais, nos cria problemas que

²¹Tradução minha para: *It is hardly an exaggeration to observe that the Internet has had, is having and will have a major impact on research methods at every stage of the research process, and beyond.* (LEE; FIELDING; BLANK, 2008, p. 3)

vão desde a forma de lidar com dados de diferentes formatos, às vezes incompatíveis, até a possibilidade de lidar com problemas éticos como, por exemplo, os enfrentados pelos pesquisadores que observam (*lurk*) online que, dessa forma podem alterar o nível de confiabilidade dos dados obtidos sobre sujeitos observados.

Como a pesquisa em mídia social é uma área relativamente nova, as orientações sobre ética existentes até o momento dão conta em sua maioria de contextos *offline*. Devido às implicações dessa forma de coleta, ou seja, por envolver seres humanos, levei em conta os referenciais básicos da bioética apontados na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça) que visam assegurar os direitos e deveres relativos à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao estado (1996:1). Os dados colhidos são de uso exclusivo do pesquisador. Estão resguardadas a confidencialidade e a proteção da imagem dos seguidores e interactantes da página do grupo de interesse. Ademais, os dados foram formatados com ausência total de indicativos de nomes, etc. usados de forma auxiliar para a contemplação dos objetivos propostos no trabalho científico.

Embora não haja um único grupo de regras que governem discussões éticas, o pesquisador deve considerar onde os dados a serem analisados estão situados, pois o contexto onde foram produzidos ou publicados apresentam regras de exposição e influenciam os aspectos éticos sobre o acesso aos mesmos. A ideia básica é que qualquer indivíduo deveria ter direito de decidir por ele mesmo o quê e o quanto terceiros podem saber a seu respeito (PAGE et al., 2014, p 67).

Os aspectos regulatórios de privacidade também são determinados por termos e condições específicas e pela arquitetura de contextos *online* específicos. Porém, privacidade e publicização não são características que possam ser facilmente demarcadas. A natureza relativa da privacidade significa que as decisões éticas sobre como o acesso ao site deve ser administrado podem ser mais complexas. Por exemplo, no caso desta pesquisa, as páginas do Facebook operam níveis diferentes de privacidade: alguns grupos semi-públicos são abertos a todos os membros do *Facebook*. Outras páginas pessoais podem ser privadas ou semi-privadas, e as interações dentro dessas áreas mais ou menos privadas.

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito ao controle do material acessado ou publicado. O fato de esse material estar disponível publicamente não significa que seu autor antecipe a escala ou o alcance de seu acesso ou espere que seja reutilizado sem seu conhecimento ou consentimento. Isto deveria nos lembrar que as possibilidades (*affordances*)

de um determinado site não são somente o único critério que deveria ser aplicado ao avaliar as dimensões éticas do material a ser estudado.

O segundo aspecto conceitua privacidade como fluxo de informação. Em termos de ética em pesquisa, obter acesso de forma ética a um site é apenas um aspecto a considerar entre direitos de privacidade. E isso não garante automaticamente que as pessoas que postaram material ficariam satisfeitas se o mesmo fosse incluído em um projeto de pesquisa ou na disseminação pública ou semi-pública da pesquisa. O "consentimento informado" pode ser usado para se negociar até onde um participante pode querer contribuir para um projeto específico.

Outro aspecto importante a ser considerado é a relação do pesquisador com os participantes do projeto. Até que ponto a intervenção do pesquisador, se feita, irá influenciar o comportamento dos participantes e até que ponto isso será explicitamente sabido e integrado ao projeto e processo de pesquisa. Levando em conta que o objetivo da minha pesquisa é discorrer sobre o discurso de uma associação de moradores – da qual eu faço parte – algumas considerações a esse respeito se fazem necessárias.

3.1.1 A interferência do pesquisador

Alguns motivos de natureza geral me levaram a eleger uma associação de moradores como objeto de pesquisa. Alguns motivos de natureza particular me levaram a escolher a AMAST. Em relação aos motivos de natureza geral entendo que a versão online de uma associação de bairro dá oportunidade de ver *in loco* como são feitas representações de caráter coletivo, o que deixa transparecer talvez uma tendência a normalização dos atores representados. Quanto aos motivos de natureza particular acha-se o fato de eu ser residente do bairro de Santa Teresa há 10 anos e, como tal, conhecer sua geografia e estar ciente de seus problemas. Dentre esses problemas mais sérios, e algo que se tornou bastante polêmico, acha-se o sistema de transporte que serve ao bairro e às favelas do entorno. Desta forma, optei por limitar o contexto da pesquisa ao secular sistema de bondes que, além de fazer parte dos meios de acesso ao bairro, tem um enorme valor simbólico tanto para a comunidade local quanto para a cidade.

Outro motivo foi desenvolver interesse pela pesquisa em Comunicação Mediada por Computador (CMC), e principalmente em mídia social, e entender que é uma área de investigação relativamente nova e que por isso, há vários tipos de lacunas neste campo de conhecimento. Segundo Hering (SOUZA, 2015), em termos gerais, qualquer comportamento *online* poderia ser analisado como discurso mediado por computador a partir de uma perspectiva linguística. Entretanto a autora afirma que alguns fenômenos linguísticos ainda precisam receber mais atenção.

Assim sendo, este cenário me compeliu a pesquisar como uma rede social facilitaria a organização de grupos de interesse que dividem o mesmo espaço físico e mobilizam seus membros a atingir objetivos em comum. Ou seja, quais seriam os indicativos que poderiam surgir das trocas digitais da página da AMAST no Facebook? Qual deveria ser a minha relação com os participantes do projeto em virtude do meu envolvimento no contexto da pesquisa? Como a imparcialidade e confiabilidade seriam preservadas?

Estas questões influenciaram diretamente a forma como os dados foram selecionados e tratados. Optei por analisar as ações verbais no cotidiano online dos indivíduos da AMAST como uma voz coletiva que representasse a AMAST como um todo, não sendo necessário, portanto, nomear os participantes das interações individualmente. O foco da pesquisa se voltou para o conteúdo das interações. Desta forma, pude optar por realizar uma observação quase não-participativa. Ou seja, embora membro da página da AMAST, eu, como condutor desta pesquisa, não participei de nenhuma das trocas realizadas durante o período de coleta de dados, a não ser uma vez quando solicitei o posicionamento da AMAST acerca de um problema.

Cabe ressaltar que, apesar da pesquisa em CMC apresentar uma série de questões e desafios como, por exemplo, assincronicidade, adjacência interrompida, trocas de falas sobrepostas, etc. uma das vantagens foi a possibilidade de preservar a privacidade dos participantes da pesquisa e ao mesmo tempo coletar material representativo de sua coletividade. Desta forma, embora tenha sido necessário observar o nível de detalhes fornecidos nos exemplos, a escolha do método garante que os participantes desta pesquisa não consigam se reconhecer individualmente, mas somente como um coletivo de vozes.

3.2 O contexto da pesquisa: a AMAST

Elegi a página do Facebook da Associação de Amigos e Moradores de Santa Teresa (AMAST) como objeto de pesquisa. A associação se define como uma forma simples de organização coletiva com capacidade de articulação social e política não partidária em defesa dos interesses da sociedade.

Além dos motivos descritos na sessão anterior, a escolha pela AMAST se deu por ser uma organização séria com histórico de lutas contra o poder público no esforço de alcançar seus objetivos. A sua página no Facebook possui mais de 12.000 seguidores. Os principais tópicos sugeridos para debate na descrição da página são: transporte, segurança, preservação do silêncio e meio-ambiente.

Proposta pela primeira vez em manifestação pública e através de abaixo-assinado, em junho de 1978, a AMAST teve seu registro de fundação em 10 de julho de 1980. A partir de manifestações organizadas, a associação conseguiu a preservação de seu sistema de transporte histórico, o tombamento do bonde. A associação também luta pela preservação do bairro que integra Área de Proteção Ambiental (APA).

Meu corpus foi compilado com base nas seguintes premissas: a) um dos objetivos da AMAST é a preservação de seu meio de transporte, o bonde; b) o fato de a associação debater seus pontos e deliberar suas decisões; ou seja, haver interação c) a existência de um mediador que, entretanto, não censura, isto é, os participantes podem postar perguntas, fazer análises, e dar vazão às suas frustrações. Em outras palavras, através deste corpus foi possível analisar como os usuários desta página participam das interações, como se portam em relação ao debate propriamente dito e como vêem a si mesmos e aos outros usuários. Em suma, a proposta foi examinar o discurso dos usuários para ver como representam uns aos outros e recontextualizam suas ações.

3.3 O Corpus

3.3.1 A compilação do corpus

Para esta pesquisa sobre o discurso de rede social de moradores e amigos de um bairro ao longo de dois anos, decidi trabalhar com um corpus, por sua natureza, já digitalizado e com um programa de tratamento de dados como instrumento auxiliar de análise. Durante dois períodos: julho a agosto de 2015 e julho a agosto de 2016, compilei manualmente 156 postagens-mãe e seus respectivos comentários. Chamo de postagens-mãe as postagens publicadas nas páginas do Facebook e que são o ponto de partida para o fluxo de discurso. Os períodos de coleta têm a ver com datas importantes na vida dos moradores e visitantes do bairro pois compreende o período durante o qual o bonde voltou a circular.

Vemos na Figura 6 abaixo um exemplo fictício de postagem compartilhada pela Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa (AMAST), a qual foi selecionada pelos mediadores da página de acordo com sua relevância para o âmbito da associação. As datas e horas, tanto da postagem-mãe quanto dos comentários, sinalizam a assincronicidade das trocas entre os participantes. No caso desta pesquisa, não levo isso em conta, visto que o que busco observar é como os participantes da Página representam os atores sociais de seus cotidianos.

Figura 7- Exemplo criado de postagem-mãe

15 (13 de julho, 70 curtidas, 27 comentários, 27 compartilhamentos)

AMA - Associação de Moradores e Amigos

compartilhou a **publicação** de **Flávio Bordas** em 13 de julho de 2015 às 11:20

Fechamento da alça do túnel. A diretoria da AMA está procurando saber junto á CET Rio: as razões que justificam o fechamento da alça de acesso ao túnel; porque não fomos prevenidos e expondo a grande insatisfação gerada, entre moradores e visitantes, do bairro por tal medida.

15.1 (13 de julho às 11:26 · Curtir · 4) **Paulo Ventura**

moro do lado do túnel. absurdo tal medida. quando estavam bloqueando eu estava passando no local, não entendi nada. alias, eles tomam as decisões sem ouvir ninguém.

15.2 (13 de julho às 11:27 · Curtir) **Linda Mendes**

Quanta safadeza da CetRio, uso esta alça duas vezes por semana.

15.3 (13 de julho às 11:27 · Curtir · 2) **Linda Mendes**

Obrigada por informar AMA.

15.4 (14 de julho às 11:28 · Curtir · 7) **Gustavo Lopes**

Espero que tudo se resolva. Quero dar os parabéns à AMA - Associação de Moradores e Amigos, sempre de olho e procurando o melhor para os moradores do bairro.

Fonte: O autor, 2017

Destas postagens-mãe, selecionei as que continham no mínimo 10 comentários para que obtivesse um corpus significativo para a análise, com no mínimo 10.000 itens lexicais. Após esta seleção, todos os interactantes foram anonimizados (Figura 2). Seus nomes foram deletados dos arquivos afim de garantir sua privacidade e não inflacionar o número de itens, como será explicado mais adiante. Foram retiradas também as horas das postagens e todas as expressões contendo Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa pelo mesmo motivo. É da natureza do estudo com corpus ter exatamente o número de itens representativo das interações. Se não houvesse retirado o nome do administrador da pagina, a Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa, todas as vezes que a expressão aparecesse, o programa de computação teria que contabilizar cada um dos itens e somá-los ao total do corpus. Dois outros procedimentos foram decididos: os erros gramaticais contidos nas interações não foram corrigidos e cada fala foi separada por parágrafo, indicado pelo símbolo # (ver na Figura 7 abaixo um exemplo de postagem na qual os participantes foram anonimizados e sinais separadores de turnos inseridos).

Figura 8- Exemplo de postagem já preparada para acesso com computador

Fechamento da alça do túnel. A diretoria da AMAST está procurando saber junto á CET Rio: as razões que justificam o fechamento da alça de acesso ao túnel; porque não fomos prevenidos e expondo a grande insatisfação gerada, entre moradores e visitantes, do bairro por tal medida.#

moro do lado do túnel. absurdo tal medida. quando estavam bloqueando eu estava passando no local, não entendi nada. alias, eles tomam as decisões sem ouvir ninguém.#

Quanta safadeza da CetRio, uso esta alça duas vezes por semana.#

Obrigada por informar AMAST.#

Espero que tudo se resolva. Quero dar os parabéns à AMAST - Associação de Moradores e Amigos, sempre de olho e procurando o melhor para os moradores do bairro.#

Fonte: O autor, 2017

Todos os dados foram salvos por mês e cada mês continha arquivos por dia de interação. O corpus foi todo salvo em **.txt**, para que o programa computacional *AntConc 3.2.4w* pudesse lê-lo. Utilizei duas ferramentas do programa: um contador de itens lexicais para identificar os tópicos mais recorrentes e um concordanciador - para mostrá-las em linhas distintas. Ao contabilizar os itens lexicais mais frequentes, retirei aqueles de natureza gramatical.

A lista de itens lexicais mais recorrentes pode ser observada na Tabela 1 a seguir, a qual pode ser lida da seguinte maneira: na primeira coluna encontram-se números sequenciais

em termos da frequência maior para a menor. Na segunda coluna encontram-se os itens propriamente ditos, na terceira a quantidade de vezes que o item apareceu nos textos. Na última coluna aparece o número de textos em que o item lexical apareceu.

Tabela 1 - Itens lexicais mais recorrentes

N	Palavra	Freq.	Postagens	N	Palavra	Freq.	Postagens
1	AMAST	239	146	16	OBRAS	29	22
2	SANTA	152	82	17	PESSOAS	29	20
3	TERESA	121	68	18	BONDES	28	19
4	BONDE	114	45	19	NELSON	28	11
5	BAIRRO	84	45	20	JANEIRO	24	21
6	RUA	70	37	21	CIDADE	22	13
7	RIO	63	40	22	ESTADO	22	13
8	MORADORES	58	33	23	MOTORISTA	22	7
9	FOTO	47	39	24	PUBLICAÇÃO	22	22
10	ELE	43	22	25	GENTE	21	15
11	EU	37	23	26	VOLTA	21	17
12	ANOS	32	26	27	CARRO	20	11
13	ÔNIBUS	32	16	28	MORADOR	20	13
14	ELES	30	22	29	CARROS	19	12
15	OBRA	30	17	30	ESTAÇÃO	18	10

Fonte: O autor, 2017

Na tabela acima, vê-se a preponderância do item AMAST, por ter sido o item conservado junto aos tópicos de mediação. Pode-se ver também que há uma diferença entre o número de vezes que os itens Santa e Teresa são usados. Isto pode ser explicado pelo fato de que os moradores se referem muito ao bairro como Santa. O item bonde aparece 114 vezes distribuído por 45 textos (média de 2.53 vezes por texto). Sua forma no plural, bondes, aparece na média de 1.47 vezes por texto. Já o item moradores é utilizado 58 vezes em 33 postagens diferentes. Esses itens lexicais que também são os tópicos das interações compuseram um corpus de mais de 10.000 itens lexicais. O passo a passo desse processo manual de compilação e tratamento consistiu em:

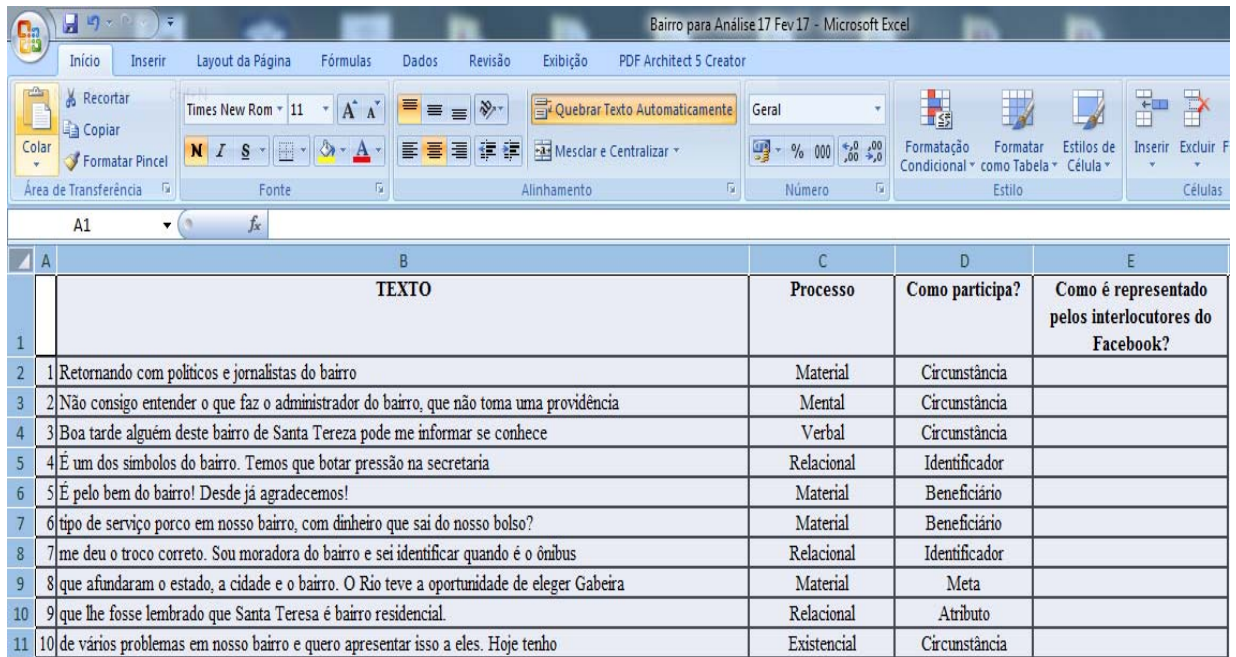
- 1) Identificar os trechos com 10 comentários;
- 2) Anonimizar os participantes, retirando o nome dos mesmos do corpus;

- 3) Limpar o corpus das datas e elementos de curtir, compartilhar e gostar;
- 4) Salvar as postagens em ordem cronológica (exemplo, arquivos contendo postagens para o mês de julho, de agosto, e respectivos anos);
- 5) Salvar as mesmas postagens em arquivo .txt, para poder posteriormente lê-las com um programa concordanciador, a ser explicado mais adiante.
- 6) Obter lista de itens lexicais mais frequentes nas trocas interacionais;
- 7) Selecionar estes itens para análise, aplicando o arcabouço teórico já discutido no capítulo 3.

3.3.2 O tratamento do corpus

Utilizei o programa *AntConc 3.2.4w* para auxiliar nas análises de frequência lexical e semântica. O *AntConc 3.2.4w* é um conjunto de ferramentas que permite fazer buscas em um *corpus* escrito e faz cálculos estatísticos a partir delas. Primeiro analisei as postagens-mãe no tocante ao que os participantes da página dizem e como dizem em suas interações. Em seguida, baseado na lista de frequência gerada pelo concordanciador, pude identificar os itens lexicais mais frequentes nas interações entre os participantes da página da associação. Após essas etapas, fiz uma análise de cada ocorrência dos itens mais frequentes (bonde/ bondes, morador/ moradores e bairro respectivamente) e classifiquei-os de acordo com a transitividade e seus papéis sociais de acordo com o sistema de representação sociossemântico, idealizado por van Leeuwen (ver abaixo na Figura 8 ilustração de tabela de classificação dos itens lexicais).

Figura 9- Exemplo de tabela de classificação dos itens lexicais



	A	B	C	D	E
		TEXTO	Processo	Como participa?	Como é representado pelos interlocutores do Facebook?
1					
2	1	Retornando com políticos e jornalistas do bairro	Material	Circunstância	
3	2	Não consigo entender o que faz o administrador do bairro, que não toma uma providência	Mental	Circunstância	
4	3	Boa tarde alguém deste bairro de Santa Tereza pode me informar se conhece	Verbal	Circunstância	
5	4	É um dos símbolos do bairro. Temos que botar pressão na secretaria	Relacional	Identificador	
6	5	É pelo bem do bairro! Desde já agradecemos!	Material	Beneficiário	
7	6	tipo de serviço porco em nosso bairro, com dinheiro que sai do nosso bolso?	Material	Beneficiário	
8	7	me deu o troco correto. Sou moradora do bairro e sei identificar quando é o ônibus	Relacional	Identificador	
9	8	que afundaram o estado, a cidade e o bairro. O Rio teve a oportunidade de eleger Gabeira	Material	Meta	
10	9	que lhe fosse lembrado que Santa Teresa é bairro residencial.	Relacional	Atributo	
11	10	de vários problemas em nosso bairro e quero apresentar isso a eles. Hoje tenho	Existencial	Circunstância	

Fonte: O autor, 2017

No capítulo seguinte, apresento os itens lexicais foco de minha análise, bem como as linhas em que os itens aparecem.

4 ANÁLISE DE DADOS

Introdução

Neste capítulo discuto a representação social dos atores das interações da AMAST acerca do bonde (etapa pré-bonde, pós-bonde) à luz da teoria dos atores sociais discutida no capítulo 2. Para organizar melhor a discussão, remeto o leitor ao contexto histórico do bonde de Santa Teresa, já apresentado no capítulo introdutório. Analiso os atores mencionados de forma mais frequente nos dados. Por fim a análise incluirá aqueles atores obscurecidos nas interações, bem como uma tentativa de entender porque não foram mencionados. Este capítulo, portanto, se divide em duas seções: o detalhamento e análise sobre a **INCLUSÃO** e **EXCLUSÃO** de determinados atores; uma abordagem sobre outros atores que me parecem discursivamente periféricos, como os moradores do entorno do bairro.

4.1 Sobre o quê falam os membros da AMAST?

Meu conhecimento do contexto social desta associação de moradores me fez levantar as seguintes hipóteses: a) os atores mais discutidos nas interações entre seus membros seriam o bonde, os turistas, os visitantes, o bairro, os amigos do bairro, os prestadores de serviços, o poder público e o motorneiro Nelson, morto no acidente de 2011; b) pelo teor da Associação, o discurso utilizado seria o deliberativo. Minhas projeções não se confirmaram porque os itens mais frequentes foram **bonde, moradores e bairro** e não foram encontrados indicadores de discurso deliberativo suficientes para assim caracterizá-lo (ver Anexo I).

Os verbos que aparecem com uma frequência mínima de 20 vezes são: *tem, está, ser, pode, estão, ter, estava, temos, fazer, ver e acho*. Se considerarmos os verbos indicadores de discurso deliberativo como, por exemplo, as construções deônticas **ter que** ou **ter de** em suas flexões *ter, tem e temos* (mencionado 118 vezes), observa-se que são seguidas do pronome **que** somente duas vezes, das quais somente uma menção alude a uma deliberação. Dentre as outras construções contendo ‘ter’, somente 4 sugerem deliberação. Da mesma forma, o verbo epistêmico **achar** (mencionado 20 vezes), cuja marca do discurso deliberativo seria opinião

ou crítica, possui somente 6 menções com tais características. O mesmo ocorre com os verbos **fazer, ser e poder**.

Existem instâncias de discurso deliberativo, entretanto o que parece predominar são as referências a itens lexicais não verbais. Nesta pesquisa, portanto, me limito a analisar os itens 4, 5, 8, 18 e 28 (ver Tabela 1). Foco na forma como são representados os três atores mais frequentes nas interações entre os participantes da página da AMAST: bonde/s, morador e o plural, moradores e bairro. Somente essas ocorrências perfazem o total de 304 menções pelos diversos participantes das discussões online da AMAST.

4.2 Análises

Neste estágio da análise, farei a abordagem do ator social que apresentou maior frequência em meus dados nas interações entre os membros da AMAST: o bonde.

4.2.1 Bonde/Bondes: o nosso saudoso bonde

Optei por começar minha análise com o item bonde/bondes pela frequência com que aparece no corpus (142 menções). Há também uma forte justificativa em tratar bonde/ bondes como um ator social devido ao modo com que o bonde é retratado nas interações da AMAST. O caráter humano do bonde pode ser observado pela forma como os interlocutores referem-se ao mesmo por meio de formulações que indicam sentimentos relativos a um ser humano, como por exemplo na chamada "*ame o bonde!*" Ou nas frases saudosas "*nos anos 80, eu andava de bonde sem estribo*" e "*o bonde subia e descia*". Ou através da utilização do pronome possessivo expressando o pertencimento ao bairro como em "*o nosso saudoso bonde*" ou "*...a luta de amor ao bairro de Santa Teresa. Onde está o nosso bonde?*". Ou através da paráfrase do poema do poeta Carlos Drummond de Andrade em "*Mas em Santa Teresa tinha um bonde. Tinha um bonde em Santa Teresa*". Pode-se observar indicações de que bonde é representado como um ator de processos humanos quando 'participa' da vida do bairro não somente na função de transporte coletivo durante campanha de combate ao Aedes

Aegypti, como ilustrado na Figura 10, e no próprio cartaz de campanha pela sua volta (Figura 11), no qual ele é **antropomorfizado**, representado como um ser que chora a interrupção de seu próprio funcionamento.

Figura 10- O bonde de Santa Teresa no combate aos focos do mosquito Aedes Aegypti.



Fonte: Revista visoesurbanas.com.br.

Figura 11- Bonde de Santa Teresa com características humanas.

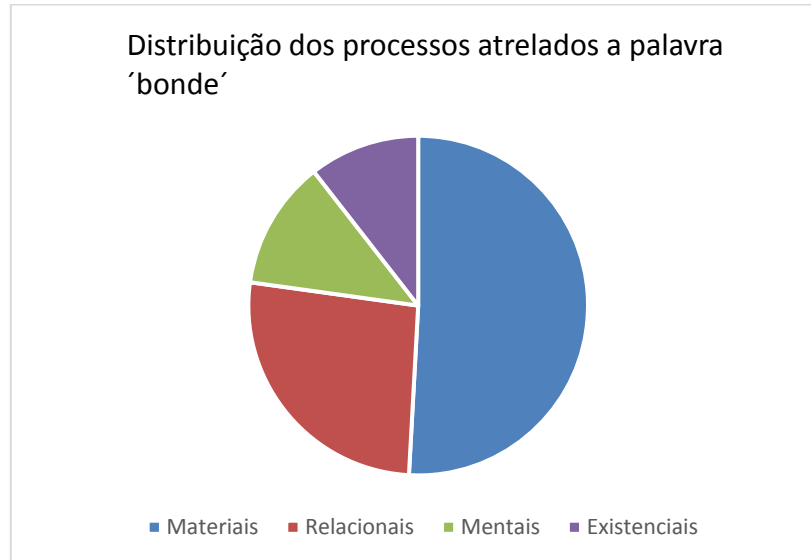


Fonte: Cartaz da AMAST durante as Olimpíadas (27.08.2016)

É preciso dizer que a ocorrência de □bonde□ como participante é verbalizada em sua maioria através de processos materiais (29 instâncias), seguidos de processos relacionais (15

instâncias), processos mentais (7 instâncias) e processos existenciais (6 instâncias). Abaixo há uma tentativa de visualizar essas instancias através da Figura 12.

Figura 12- Processos nos quais o item lexical bonde aparece.



Fonte: O autor, 2017.

Segundo van Leeuwen (op. cit, 2008) um processo material, implicaria ter o ator social incluído no discurso sob forma de ativação. O importante aqui é dizer que o bonde de Santa Teresa está incluído, ou seja, visível no discurso. Entretanto é preciso saber como ele está incluído e como é feita a representação linguística deste participante. Em outras palavras, o que isso significa em termos de representação do bonde pelos interlocutores da lista da AMAST? A forma como é representado indica o quê sobre quem os representa?

Quando o processo é **material**, o item bonde pode ocupar o papel de **ator**, que é participante central, ou **meta, escopo e beneficiário** os quais são participantes periféricos. Ou o ator faz algo, ou ele sofre as consequências do que é feito. Além destes participantes periféricos, há também o caso do participante como **circunstância**, que tem papel secundário no discurso. Os processos materiais são marcados por verbos de fazer como por exemplo comer, andar, escrever, sair, etc. Assim sendo, interessa-me saber o que faz o bonde nos papéis de ator e meta, quando o processo é material?

Nos exemplos a seguir, o bonde é representado como participante central no papel de ator. Ou seja, ou ele faz algo ou sofre as consequências do que é feito. No exemplo 1 abaixo, o bonde é o protagonista do trágico acidente de 2011 que matou 7 pessoas. Sua participação gira em torno da tragédia e seus desdobramentos.

Exemplo 1

*A tragédia ressonantemente anunciada ocorre: o bonde 10 **perde** o freio, **choca-se** contra um poste e um muro.*

Já no exemplo 2 a seguir, os verbos no passado remetem a um comportamento do antigo bonde, quando **subia**, **descia** e não **pegava** trânsito. O bonde é caracterizado como um ator inserido no cotidiano dos moradores. Inanimado, ele é antropomorfizado, ou seja, representado como um ser com vida própria.

Exemplo 2

*O bonde **subia** e **descia**. Não **pegava** trânsito.*

Nos exemplos 3 e 4, o bonde **trilha** somente 1 quilômetro por ano contrariando todas as expectativas dos moradores e frequentadores do bairro. Esta ideia me remete a um árduo e longo caminho percorrido por causa das obras de renovação do Sistema de Bondes.

Exemplo 3

*O nosso saudoso bonde, **trilhou** 1 km por ano! Um passeio de duas estações é o que temos.*

Exemplo 4

*Uma aposta olímpica de quem **chegará** primeiro ao Silvestre, a plantação ou o bonde?*

No exemplo 5 a seguir, o novo bonde é alvo da reclamação dos usuários por chegar e sair sempre lotado, não servindo à comunidade como antes. De uma maneira geral, mesmo no papel de participante principal, ele é tido como o alvo da má administração do poder público.

Exemplo 5

*O bonde sai lotado da Carioca e **chega** lotado no Curvelo e vice e versa.*

No exemplo 6, o bonde é representado como **participante periférico** no papel de **meta de um processo material** (tira fora esse bonde). Os participantes das interações rejeitam e criticam o novo bonde e lamentam a falta do bonde antigo, o qual sempre foi considerado a alma do bairro de Santa Teresa.

Exemplo 6

*Fora esse **bonde** que não tem nada de bonde!*

Nos Exemplos 7 e 8 abaixo, bonde é parte integrante do sentido de **acabar com e andar de** e portanto deve ser classificado como escopo. Escopo é um participante periférico que, diferentemente da meta, não é afetado pelo processo, mas complementa o sentido do verbo

Exemplo 7

*Acabaram com a história do bairro. Acabaram com o verdadeiro **bonde**.*

Exemplo 8

*Com horário para turista, o morador mesmo não consegue andar no **bonde**.*

O item ‘bonde’ também se destaca em **processos relacionais** pelo emprego dos verbos ser, ter, estar, significar, representar, etc. Neste caso ele é caracterizado como **participante central**, portador. Nos exemplos 9, 10, 11 e 12 a seguir, a mensagem mais frequente entre os participantes das interações é a de protesto. Nela vê-se a necessidade de definir o bonde, dizer para o que serve, e de quem ele é. O novo bonde, com lotação máxima de 32 pessoas, é para turistas pois está sempre cheio e já não possui estribo. Alguns defendem que ele deva ser do morador. Já outros crêem que ele deva ser popular, ou seja, de todos.

Exemplo 9

*O **bonde** é do morador e dos turistas! Também do carnaval.*

Exemplo 10

*Lotação máxima 32, fala sério agora o **bonde** é só para gringo mesmo!!!! Sem estribo não é **bonde**!!!!*

Exemplo 11

*No trajeto ele não para pois está sempre cheio. Infelizmente o **bonde** é pra turista, não pra morador.*

Exemplo 12

*Olha a consciência social gente. O **bonde** é democrático.*

O item ‘bonde’ também se apresenta em **processos de natureza mental**, onde ele também é representado como um **participante periférico**, um **fenômeno**. Os processos mentais se relacionam a verbos de afeição, cognição e percepção tais como pensar, gostar, querer, saber, sentir, ouvir, etc. Nos exemplos a seguir, os participantes das interações fazem os mesmos tipos de referência ao bonde enquanto objeto de seu desejo. No exemplo 13 lembram do bonde pelo qual lutam, onde bonde aparece como complemento de lembrança (metáfora gramatical). Mas quem é lembrado, isto é, o fenômeno, é o bonde.

Exemplo 13

*Numa **lembrança** do bonde pelo qual lutamos tanto.*

No exemplo 14, a representação é de que o bonde é esquecido pelo poder público. Já nos exemplos 15 e 16, observa-se a polêmica entre os que querem o bonde e os poucos que não o querem e que não respeitam a organização do trânsito no bairro.

Exemplo 14

*Na verdade o bonde já **foi esquecido** a tempos pelo estado.*

Exemplo 15

*Não **quer** bonde, mas **quer** o carro dela estacionado por cima das calçadas.*

Exemplo 16

*Chega de carros sim! **Quero** é bonde no bairro todo.*

O bonde também é caracterizado em **processos existenciais** pelo emprego dos verbos *ter*, *haver*, *existir*. Nesta categoria não há participante central. Logo sua **participação é periférica** sendo representado como **existente**. Nos exemplos 17, 18 e 19 abaixo, observa-se que os participantes remetem-se sempre à ausência ou ao não existir do bonde.

Exemplo 17

*Na verdade **nem tem** mais estribo, **nem bonde**.*

Exemplo 18

*5 anos **sem** o nosso bonde popular!*

Exemplo 19

*"**Tem** bonde hoje?" "Não Rafaela. Este bonde só funciona de 2a a 6a."*

No exemplo 20, a ausência ganha até forma poética quando se faz alusão ao poema *No Meio do Caminho* de Carlos Drummond de Andrade.

Exemplo 20

*Mas em santa Teresa **tinha** um bonde. **Tinha** um bonde em santa Teresa. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida.*

Baseado na análise acima, observa-se que o bonde possui um papel central nas interações online entre os membros da página da AMAST, uma vez que ele é representado como participante ativo no fórum de discussão online da AMAST. Enquanto participante principal ele tanto é humanizado e engajado em ações práticas da vida cotidiana do bairro como, e por consequência disso, sua falta é representada em forma de protestos. Enquanto participante periférico, o bonde é mostrado como sofrendo as consequências negativas da ação do poder público e é objeto de saudosismo e lamento pela sua ausência.

Na sessão abaixo serão discutidos os itens lexicais **moradores** e sua flexão do singular, **morador**, seus papéis funcionais e sua representação. Estes foram os itens de maior frequência de nossa lista do concordanciador *AntConc* após o item **bonde**.

4.2.2 Morador e moradores

Os itens lexicais **morador** e **moradores** foram tratadas como uma única palavra. Levando-se em conta a alta frequência em que as duas formas ocorrem no corpus, na maioria das vezes elas são representadas como termos genéricos. As formas **moradores**, no plural, e **o morador**, precedida do artigo definido, referem-se ao morador de Santa Teresa. E mesmo quando seguidas de uma locução adjetiva indicando que o morador reside em uma determinada área do bairro, como **morador da Joaquim Murтинho**, o sentido é genérico.

A representação destes atores ocorre em sua maioria através de processos materiais (24 instâncias), seguidos de processos relacionais (15 instâncias), processos mentais (10 instancias), processos verbais (9 instâncias) e duas nominalizações.

Quando o processo é **material**, o item moradores pode ocupar o papel de **ator**, como participante central, ou **meta**, **escopo**, **beneficiário** os quais são participantes periféricos. Nos exemplos 21, 22 e 23 a seguir, o morador é visto como um grupo de pessoas que ou não consegue ou não pode fazer algo e, em decorrência disso, se muda do bairro pelas agruras que sofre.

Exemplo 21

*Nós moradores não podemos **usar** o bonde.*

Exemplo 22

*[...] e nós moradores que **pagamos** por isso.*

Exemplo 23

*[...] Os moradores **estão saindo** de Santa.*

O item moradores também pode ocupar o papel de participante periférico em processos materiais, o que se denomina **meta** (ver capítulo 2). Conforme ilustrado nos exemplos 24, 25 abaixo, em posição de **meta** de processo material, o morador também é visto

como um grupo de pessoas que sofre as consequências dos transtornos causados pelas obras de reforma do sistema de bondes.

Exemplo 24

[...] *para circular dentro do próprio bairro, alguns **moradores são obrigados a se servir de duas linhas diferentes***[...]

Exemplo 25

[...] *estão acabando o bairro com obras mal feitas e **expulsando os moradores***.

Quando o processo é **mental**, o item moradores pode ocupar o papel de **experienciador**, participante central, e um **fenômeno**, participante periférico. Geralmente os processos mentais são expressados através de verbos de afeição, cognição e percepção como por exemplo pensar, gostar, saber, sentir, ouvir, ver, querer e desejar. No exemplo 26, observa-se a expressão da expectativa de que o morador não aja em desacordo com as regras do local. Já no exemplo 27, temos a expressão da negligência pelo poder público.

Exemplo 26

Espero que os moradores respeitem os pontos e não depositem lixo nos locais.

Exemplo 27

E o morador que se dane!!!

No exemplo 28 temos um possível contraponto à negligência do poder público, como uma pequena luz no fim do túnel: uma manchete de jornal anunciando a promessa de que os moradores serão ouvidos antes da divulgação de um novo cronograma para as obras.

Exemplo 28

Governo vai divulgar novo cronograma após **ouvir moradores**.

Em processos **relacionais**, os participantes centrais são denominados **portadores** e **identificados** e os periféricos, **atributos e identificadores**. Alguns dos verbos de processos relacionais são ser, ter, estar, significar e representar. No caso desta pesquisa, o item **moradores** materializou-se com mais frequência em processos relacionais tanto nos papéis de **portador**, participante central como de **atributo**, participante periférico.

Nos exemplos 29 e 30 abaixo, o morador é representado como o preterido ou aquele que supostamente quer ter privilégios. Mais uma vez ele é problematizado pelos participantes das interações de forma negativa.

Exemplo 29

Infelizmente o bonde é para turista, não para morador.

Exemplo 30

A rua é de TODOS, não é só por ser morador que se vai ter direito a vaga exclusiva.

Já no exemplo 31, embora **moradores** apareça como adjunto de presença observa-se a valorização da presença deste por estar associada a um adjetivo com conotação positiva, *importante*.

Exemplo 31

A presença dos moradores sempre é importante!

Geralmente, os participantes periféricos são aqueles favorecidos pelas circunstâncias do contexto. Entretanto, no caso desta pesquisa, o significado do termo beneficiário foi ampliado e o participante também é afetado de forma negativa. Nos exemplos 32 e 33 abaixo, o processo que se apresenta é o de nominalização (*diminuição do impacto desnecessário e sem o mínimo respeito*) no qual o morador assume o papel de beneficiário e é afetado negativamente, como o que pode sofrer impacto desnecessário e ser desrespeitado.

Exemplo 32

*[...] da colaboração para diminuição do **impacto desnecessário** ao morador[...]*

Exemplo 33

Mais um ato covarde e sem o mínimo respeito ao morador[...]

Já no exemplo 34 ele é materializado em processo mental - achamos - como alguém que precisa de auxílio e se apresenta de forma passiva.

Exemplo 34

mas é isso que achamos que devemos fazer pelos moradores e pelo bairro.

Os participantes **periféricos** são denominados de **circunstância** quando precedidos por locuções prepositivas indicando que eles tem papel secundário no discurso. Nos exemplos a seguir (36, 37 e 38), os moradores são representados em papel de circunstância em processos diferentes: verbal e material. A condição de circunstância implica em que sejam colocados em posição secundária nas interações da AMAST, a saber, *como morador*, *sofrimento de moradores* e *carros de moradores*

Nestes exemplos, observa-se o fenômeno da genericização através do qual o morador é representado como uma classe, a de morador do bairro. Isso lhe confere uma condição de pertencente a um grupo, com propriedade para verbalizar sua reivindicação, conforme o exemplo 36. Ou como no exemplo 37, onde sofrimento é metáfora gramatical, mas quem sofre são os moradores.

Exemplo 36

Desculpe-me mas me acho no dever de dizer como morador do bairro. (processo verbal).

Exemplo 37

[...] obra super faturada, e que foi feita sobre sofrimento dos moradores da rua Joaquim [...] (processo material).

Exemplo 38

E quando ocorre é para multar carros demoradores em frente a suas casas. (processo material).

De maneira geral, o morador é visível nas interações online da AMAST. Porém, quando o assunto em pauta é sobre meio de transporte, ele é representado de forma genérica como um grupo de pessoas pouco atuante e impotente. Quando se apresenta como participante central, ele sofre impedimentos e restrições, chegando ao ponto de se sentir forçado a se mudar do bairro. Enquanto participantes periféricos, a maioria dos moradores é caracterizada como sendo diretamente afetada pelas consequências negativas causadas pela negligência do poder público. Ou seja, o morador paga o ônus pelo transtorno das obras e quase nunca se posiciona como aquele que toma decisões, delibera e/ ou age de forma que obtenha sucesso em suas ações.

4.2.3 Bairro

Neste item das análises, discuto o item **bairro**, seus papéis funcionais e sua representação. É preciso dizer que a representação deste participante ocorre em sua maioria através de processos materiais (36 instâncias), seguidos de processos relacionais (16 instâncias) e processos mentais (12 instâncias).

Quando o processo é **material**, o item **bairro** pode ocupar o papel de **ator**, que é participante central, ou **meta**, **escopo** e **beneficiário** os quais são participantes periféricos.

Das 36 instâncias em que o item bairro aparece em processos materiais, a posição mais frequente é a de circunstância. Ou seja, ele não figura como foco central nas interações da AMAST, como podemos observar nos exemplos 38, 39 e 40 a seguir.

Exemplo 38

[...] de valorização dos artistas do bairro [...]

Exemplo 39

Temos legitimidade para atuar no bairro.

Exemplo 40

A implantação de uma linha circular que possa garantir a necessária mobilidade do bairro.

No exemplo 38, o item bairro se apresenta por meio de uma locução adjetiva classificando o substantivo "artista". O item bairro é representado de forma periférica. O mesmo ocorre no exemplos 39 e 40, onde é representado através de uma locução adverbial. Entretanto, embora não seja representado como um participante central, o nível de frequência com que o item "bairro" aparece nas interações é alto. Fato que já era esperado devido à natureza e propósito da associação.

Ainda levando em conta as instâncias em que o item bairro se manifesta através de processo material, a segunda maior frequência se dá como meta, conforme os exemplos 41 e 42. Observa-se claramente que o bairro de Santa Teresa é representado como aquele que sofre as consequências de uma má administração pelo poder público. O bairro é afundado, mal administrado e abandonado. No exemplo 43, onde o verbo ser é elíptico o bairro é meta, porém de uma forma oblíqua. O emprego da voz passiva denota, mais uma vez, a representação do abandono pelo poder público.

Exemplo 41

Afundaram o estado, a cidade e o bairro.

Exemplo 42

Não conseguem administrar nem um bairro do Rio.

Exemplo 43

Uma pena. Um bairro lindo (ser/estar) tão abandonado

Alguns dos verbos de processos relacionais são ser, ter, estar, significar e representar. No caso desta pesquisa, o item bairro materializou-se com mais frequência nos papéis de identificador. Ele é associado de forma positiva e muitas vezes saudosista quando utilizado para fazer comparações com o antigo sistema de bondes.

No exemplo 44, o item bairro é representado como participante periférico sendo associado a um dos símbolos do local. O *bonde* (sujeito oculto) exerce a função de **portador**, participante central e o sintagma nominal *símbolos do bairro* o **atributo** de bonde.

Exemplo 44

(O bonde) É um dos símbolos do bairro.

No exemplo 45 a seguir, isso fica ainda mais evidente onde bonde é **portador** e o sintagma nominal principal e mais adequado meio de transporte do bairro é **atributo**.

Exemplo 45

*Principal e mais adequado meio de **transporte do bairro** é totalmente suspenso.*

Já no exemplo 46, o advérbio *assim* tem a função de **portador** que associa o sintagma nominal, *alma do nosso bairro*, seu atributo, a um local onde há interferências artísticas. Somado a isso, a locução *do nosso bairro* remete a uma situação de pertencimento a um lugar único, especial.

Exemplo 46

*Assim é a alma **do nosso bairro**[...] linda interferência. Belíssimo trabalho, parabéns ao artista da obra.*

Com ocorrência em 12 instâncias de **processos mentais**, o item bairro é representado como **circunstância**. Os processos mentais são aqueles de sensação, exprimindo noções de sentir, pensar e perceber, sendo rotulados em termos gerais como processos de Afeição, Cognição e Percepção. Os participantes num processo mental são conhecidos como o Experienciador (o que sente) e o Fenômeno. Alguns dos verbos que se relacionam a processos de afeição, cognição e percepção são pensar, gostar, querer, saber, sentir, ouvir, etc.

Nos exemplos 47 e 48 a seguir, os participantes das interações fazem os mesmos tipos de referência ao bonde enquanto objeto de seu desejo. Querem o bonde no bairro o tempo todo. De fato, os itens bonde e bairro aparecem juntos com frequência dando a impressão de que falar de bairro é fazer referência ao bonde e vice-versa. E apreciam o bairro como um lugar pacífico.

Exemplo 47

*Quero é bonde **no bairro** todo!*

Exemplo 48

*Se você gosta de **um bairro barulhento**, se muda para a Lapa.*

Já no exemplo 49, observa-se a indignação sobre o que faz o administrador do bairro que não atende ou cumpre suas funções.

Exemplo 49

*Não consigo entender o que faz **o administrador do bairro**.*

Em termos gerais, apesar da frequência com que aparece nas interações, o item bairro se materializa através de processos materiais na posição de circunstância. Ou seja, é um participante periférico e, na maioria das vezes, como o bonde, ele também sofre as consequências negativas do descaso de uma administração pública negligente. Por outro lado, o item lexical adquire uma conotação positiva através dos processos relacionais quando associado de forma saudosista ao símbolo do local, o bonde, ou quando é caracterizado com um lugar único, diferenciado.

4.2.4 Outros Atores

Conforme vimos no capítulo 2, a exclusão tem se mostrado um importante aspecto da análise crítica do discurso. Algumas exclusões não deixam rastro na representação, apagando tanto os atores sociais como suas atividades. Por isso, é necessário fazer a distinção entre *supressão* e *obscurecimento* (ou *backgrounding*). No caso da supressão, não há referência aos atores sociais em questão em nenhum lugar no texto. Já no caso do obscurecimento, os atores sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada ação, mas são mencionados em outro lugar no texto, e podemos inferir sua existência com razoável certeza de quem são. Alguns atores importantes, cuja expectativa inicial era a de que aparecessem nas interações, se revelaram excluídos, como os turistas e os moradores das favelas do entorno do bairro respectivamente.

Os turistas são caracterizados como participantes excluídos tendo frequência quase incipiente (**turista**: 9 vezes, **turistas**: 6 vezes) em todo o corpus de análise. Isso pode refletir o tipo de relacionamento que os moradores do bairro têm com os turistas, como se fala sobre

o turista. No exemplo 50 pode-se observar o tom pejorativo que o adjetivo turista imprime ao bonde. Os exemplos 51 e 52 ilustram a rejeição que o morador de Santa Teresa tem do turista alegando que o bairro é desprovido de serviços básicos e se voltou para atender quase que exclusivamente ao mesmo.

Exemplo 50

*Tem gente que ainda se ilude com esse bonde **para turista**.*

Exemplo 51

*Estou começando a não gostar mais da cara **dos turistas** em Santa Teresa.*

Exemplo 52

*Não temos transporte, não temos segurança, não temos comércio, não temos restaurantes e os imóveis estão servindo **para turista**.*

Com mais de uma dezena de favelas no entorno, Santa Teresa se apresenta como um bairro popular. Entretanto, a frequência em que os itens lexicais **favela** e **comunidades** ocorrem nas interações da página da AMAST é praticamente inexistente. Na realidade, observei apenas 1 menção ao item **favela**, 3 ao item **comunidades**, 3 ao item **Fallet** e 3 ao item **Prazeres**, que são favelas do entorno do bairro. E quando estes itens lexicais são mencionado, eles são associados ao crime, tanto sofrendo suas consequências como fazendo parte dele como, conforme pode-se observar nos exemplos 53 e 54 abaixo. No exemplo 55, temos um participante da página da AMAST comentando sobre o agravamento das condições de segurança dentro das favelas.

Exemplo 53

*Tiroteio entre PMs e criminosos deixa uma pessoa morta no morro do **Fallet**.*

Exemplo 54

*Tinha um grupo de policiais encurralados na **favela**.*

Exemplo 55

Por essas e por outras morrem pessoas inocentes[...] Imagina o que ocorre dentro da comunidade.

Tendo discutido os atores bonde, morador e bairro, o próximo capítulo responde às perguntas de pesquisa e tece comentários gerais sobre a representação dos mesmos.

CONCLUSÕES

O propósito inicial deste estudo foi analisar uma prática social de moradores e amigos de um bairro a partir da página de sua associação no Facebook. Os motivos para a escolha do tema são a sua natureza interdisciplinar que mescla a utilização das redes sociais como ferramenta de atuação político-social e a escassez de literatura acadêmica acerca de ativismo social online, atores sociais e análise do discurso mediada por computador. Tudo isso aliado ao fato de eu ser morador de Santa Teresa, um dos bairros mais pitorescos da cidade, e participar como membro da referida associação, a AMAST. Após a identificação do problema, esta dissertação foi desenvolvida em torno desses temas com foco de arcabouço teórico sobre a Representação dos Atores Sociais, mas antes passamos por uma revisão da comunicação digital, redes sociais, o Facebook e suas características, discurso mediado e práticas digitais.

A princípio, as dificuldades na adoção de um modelo teórico que desse conta da linguagem de uma associação de bairro online se mostraram ardilosas. Muitos foram os pontos a serem levados em conta. Dentre eles estão as interações entre múltiplos participantes, múltiplas vozes; a ocorrência das interações em tempo real ou diferentes momentos (assincronia); a expectativa em identificar um fórum deliberativo pela natureza da associação; o tema de discussão escolhido, o bonde, que serviu de pano de fundo para as interações. De fato, talvez a discussão sobre o bonde de Santa Teresa tenha sido a pista mais evidente de que era preciso repensar o arcabouço teórico. Ao invés de tentar moldar os dados da pesquisa a uma teoria, seria melhor procurar saber o que os participantes das interações diziam sobre o bonde e como o faziam, já que ele próprio era uma representação de uma cultural local.

Logo a presente pesquisa adquiriu um caráter quase etnometodológico, já que eu próprio estudei a cultura e o comportamento de um determinado grupo social, a Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa (AMAST), do qual eu faço parte. Literalmente, etnografia significa a descrição cultural de um povo e o método etnometodológico segue alguns princípios, como pesquisa de campo, que foram aplicados ao pequeno universo digital da associação.

O sistema de análise mais próximo dos meus objetivos foi o Sistema Sociossemântico de Representação dos Atores Sociais (RAS) desenvolvido por Theo van Leeuwen (2008), baseado na macrofunção ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (2004).

Segundo esse sistema de representação, a inclusão ou exclusão de participantes no ato de recontextualizar uma prática social (falarem uns com outros sobre como vêm os problemas de Santa Teresa) pode revelar/ encobrir ideologias/imagens/representações. Por outro lado, a simples inclusão de participantes no discurso não garante sua participação no contexto social original. Esta talvez seja a maior contribuição deste tipo de ferramenta de análise para a pesquisa, identificar como os participantes do contexto social original podem ser representados. De fato, o estudo das representações dos atores sociais tem-se mostrado particularmente produtivo de modo interdisciplinar, sendo utilizado não só na investigação linguística, mas também na análise de discursos midiáticos e questões de ordem sociocultural.

Além das dificuldades em escolher a ferramenta de análise, me deparei com a dificuldade em compilar um corpus significativo que contivesse número suficiente de comentários para garantir o número de itens lexicais necessário para a análise, bem como um fluxo mínimo de interação.

Outro ponto que se mostrou intrincado foi a necessidade de tornar os participantes anônimos afim de manter a imparcialidade das análises e respeitar os princípios éticos de pesquisa. A Associação, foco de minha pesquisa, foi tratada como um todo holisticamente e sua fala assumiu uma única voz. Neste caso, um programa de tratamento de dados textuais/ concordanciador foi utilizado, o que possibilitou descartar todos os nomes próprios, apelidos e referências pessoais feitas aos participantes bem como selecionar os itens lexicais mais frequentes no corpus, o que também contribuiu para preservar a imparcialidade.

A análise preliminar do corpus, através da utilização do programa concordanciador, demonstrou que os itens lexicais mais frequentes nas interações foram: **bonde**, **moradores** e **bairro** respectivamente. Este resultado contrariou minhas expectativas iniciais, as quais incluíam outros atores igualmente importantes para o contexto social original da pesquisa, principalmente em se tratando de meios de transporte coletivos para o bairro. De uma forma geral, esperava obter exemplos de discurso deliberativo, através do qual os membros da Associação decidissem o futuro de seu bairro e entornos. Entretanto, a página da Associação no Facebook revelou-se mais como um "muro de lamentações". De qualquer forma, foi possível responder às perguntas de pesquisa a saber:

- 1) Há evidência de padrões de discurso deliberativo?
- 2) Quais os atores sociais mencionados mais frequentemente nas interações do Facebook da Associação?

- 3) Como esses atores são representados pelos interactantes na página da associação?
- 4) Qual a função dessas representações?
- 5) Há atores excluídos nas interações?

As respostas podem ser resumidas conforme a explicação a seguir. Com relação à presença de discurso deliberativo, seria possível encontrá-lo em um contexto como da AMAST online, em que os moradores estivessem interagindo com o objetivo de convencer uns aos outros da necessidade de melhorias e do retorno do bonde. Entretanto, os sinais de discurso deliberativo estão dispersos. Não é possível caracterizá-los como um padrão recorrente. Como vimos no capítulo da metodologia, para caracterizar padrões frequentes é necessário operar de maneira quantitativa, e dessa maneira os padrões não emergiram. Dessa forma o discurso deliberativo existe mas não aparece em quantidade suficiente para caracterizar as interações como predominantemente deliberativas. Ao contrário do esperado, o fórum online da AMAST é utilizado muito mais como um lócus de reclamações do que um fórum de mobilização.

Com relação às demais perguntas, vimos uma preponderância de menções a bonde, moradores e bairro. Quando o bonde é representado, os participantes das interações referem-se a ele como um ser animado, com vida própria, o que se diz **antropomorfizado**, assume papel de ator, ou ele faz algo ou sofre as consequências do que é feito. Na maioria das vezes ele é caracterizado como um ator inserido no cotidiano dos moradores.

Quando se faz referência ao novo bonde, ele é alvo da reclamação dos usuários por não servir à comunidade como o antigo bonde e sofre as consequências da má administração do poder público. A mensagem mais frequente entre os participantes das interações é a de protesto. Há a constante necessidade de se definir o bonde, verbalizar para quem serve e a quem pertence.

Os itens morador/ moradores foram representados como termos genéricos. De maneira geral, o morador é visível nas interações online. Porém, quando o assunto em pauta é sobre o meio de transporte, ele é representado como um grupo de pessoas pouco atuante e impotente. Sofre impedimentos e restrições e também é caracterizado como sendo diretamente afetado pela negligência do poder público.

Em suma, o bonde, em sua configuração original, com tarifas baratas e gratuidades na viagem em pé, no estribo, sempre foi decisivo para o direito de circulação dos moradores. Com a instalação do novo bonde, o governo do Rio criou, ao fim de 2016, uma medida que

ofende os moradores do bairro, tanto do asfalto quanto das favelas. Elevou a tarifa para R\$ 20, no propósito de transformar o bonde em veículo para turistas. Entre as justificativas para o valor da cobrança está a necessidade de reequilíbrio das finanças estaduais, abaladas pela forte crise que atingiu o estado, e o retorno parcial do funcionamento dos bondes, após a realização de obras de recuperação do Sistema de Bondes. Assim sendo, o fato das reivindicações dos participantes da página da AMAST no Facebook não fazerem referências significativas aos moradores das favelas corrobora a ideia de que eles são realmente excluídos. Logo, posto que o bonde é primeiramente intencionado a servir aos moradores e turistas, seria interesse saber qual a ideia que os participantes da página da AMAST fazem do que consiste ser morador de Santa Teresa.

Os turistas e comunidades/ favelas do entorno, atores considerados importantes para o contexto social desta pesquisa, ou são excluídos das interações ou obscurecidos. Conforme foi abordado no capítulo 2, segundo van Leeuwen (2008, p. 28) a **exclusão** tem representado um aspecto importante para análise crítica do discurso pelos seguintes motivos: as representações incluem ou excluem atores sociais para atender aos interesses e objetivos de quem escreve/ fala em relação aos leitores a quem se quer alcançar. Algumas exclusões podem ser consideradas pequenos detalhes os quais os leitores já conhecem. Outras podem estar diretamente relacionadas a uma forma de bloquear ou dificultar o acesso a certas informações, a estratégias para se criar algum tipo de sentimento avesso a determinados participantes do discurso e colocá-los em posição antagônica aos "nossos" interesses.

Uma possível interpretação para a baixa frequência do item **turistas** é que ter turistas no bairro não traz benefício aos moradores, vide o aumento de preço da tarifa do bonde e dos serviços existentes no bairro, como restaurantes e mercados, e o crescente aumento da violência. Na maioria das vezes, a relação que os moradores mantêm como o turista é de comercialização do espaço considerando-o como um ator que não nutre laços com o local. Na realidade, os moradores rechaçam o turismo de massa no bairro alegando que este propiciou um aumento do custo de vida onde predominava uma classe trabalhadora de renda média/baixa que tinha acesso a restaurantes com preços compatíveis com seu poder aquisitivo. Somado a isso, a turistificação do bairro também motivou o crescimento da violência. A presença de turistas, com seus pertences valiosos, passou a atrair meliantes e marginais. Com o advento da Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016 este processo intensificou-se sobremaneira provocando a proliferação de pousadas e outras formas de acomodação e bares e restaurantes para atender as demandas do turismo. Segundo a própria AMAST,

"agentes de turismo, pousadeiros e donos de bares e restaurantes evitam assumir as questões de insegurança pública que provocam como evitam qualquer divulgação sobre os constantes assaltos aos seus estabelecimentos bem como nas imediações" (APA SANTA TERESA, 2017, p. 74, 75). As únicas iniciativas coletivas tomadas de enfrentamento a esta questão no bairro partem da AMAST.

Embora as favelas do entorno caracterizarem Santa Teresa como um bairro popular, os itens lexicais **favela(s)** e **comunidade(s)** não são mencionadas nas interações da AMAST. Só posso especular que não são mencionadas por dois motivos. Ou as representações do bairro excluem os moradores das comunidades/ favelas como moradores deste bairro bucólico, ou citá-los nominalmente poderia criar alguma animosidade indesejada. Isso pode ser creditado ao fato de que as favelas são tidas como um problema para o bairro, afetando sua identidade como complexo turístico da cidade. Ou pode ser que as favelas tenham-se excluído pois não parecem ter vínculos de cumplicidade com a AMAST. Isso representa um entrave para o desenvolvimento do bairro levando-se em conta que os meios de transporte que servem aos moradores e turistas são os mesmos que servem aos moradores das favelas. A supressão desses itens lexicais pode indicar que, atualmente, o transporte público não é pensado a partir das necessidades dessas pessoas. Isto também me faz crer que apesar de a página do Facebook ser pública, nem todos os assuntos são discutidos nela.

Então o que teria mudado após dois anos de discussão sobre bondes, buracos e moradores? O bonde continua ligando o centro da cidade ao Largo do Guimarães, entre 6h30 e 16h15 durante a semana e aos sábados das 10h às 18h, e custando R\$20. Ou seja, continua sendo exclusivo dos turistas. De fato, parte dos trilhos nos trajetos que ligam o Largo dos Guimarães até o Dois Irmãos e Paula Mattos foram cimentados, o que nos deixa uma perspectiva remota de que as obras sejam retomadas e concluídas em um futuro próximo, com o objetivo de que os moradores do bairro sejam realmente beneficiados.

No que diz respeito ao crescente fluxo de turistas, estes chamam a atenção dos bandidos ao chegar em Santa Teresa com câmeras e celulares valiosos. São alvos fáceis pois estão desavisados dos perigos de roubos. Além disso, o bairro não conta com a mesma estrutura de segurança de outros bairros turísticos, como Ipanema, por exemplo. E o morador acaba sofrendo também, em consequência disso. Na página da AMAST no Facebook, moradores relatam roubos e assaltos quase diariamente.

Com relação aos moradores, há um distanciamento evidente entre os moradores do asfalto e os moradores das favelas. No dia 3 de junho de 2017, a AMAST realizou um evento

de protesto contra o aumento da violência em Santa Teresa (ver Figura 13). Os representantes das favelas do entorno não participaram do evento. Segundo alguns moradores que participaram, uma das razões foi que eles não haviam sido informados. Porém, outros apontaram para o fato de que as comunidades não se sentem pertencentes a Santa Teresa. Segundo eles, os moradores das favelas se sentem estigmatizados por serem obrigados a conviver com traficantes e criminosos, por não terem acesso a serviços públicos como educação, saúde, segurança e transporte, e por terem suas casas invadidas pela polícia a qualquer momento. Na realidade, alegam que os moradores das favelas têm medo da polícia, dos bandidos e do governo. Através desses fatos, pode-se depreender que a quase exclusão dos itens favela(s), comunidade(s), Fallet, Prazeres, Mineira e Fogueteiro das interações da página da AMAST no Facebook representa uma espécie de negligência ou não aceitação com relação aos moradores dessas favelas como moradores de Santa Teresa. Me parece que não há nenhum contato entre esses dois grupos de moradores a não ser por intermédio da Associação. O quê, na realidade, não há como ser verdade quando se trata de transporte público, pois ambos grupos utilizam as mesmas vias de acesso e meios de transporte que servem ao bairro. Entretanto, com o crescente aumento da violência e a concentração do policiamento nas Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP) dentro das referidas favelas, em detrimento do policiamento no bairro, tornou-se necessário juntar esforços a fim de tentar administrar a segurança no bairro como um todo. Ou seja, os moradores das favelas deverão aparecer com mais frequência nas interações da página da AMAST.

Figura 13- Cartaz de convocação a ato público contra violência.



Fonte: Página da AMAST no Facebook.

Nenhuma pesquisa é um fim em si próprio. A presente pesquisa levantou um número igual de problemas não resolvidos ao número de respostas que deu. Em pesquisas futuras,

seria interessante averiguar, através de questionários e entrevistas, como o morador desse bairro é definido ou como se define seus limites geográficos. A razão maior é que mesmo que os moradores das comunidades do entorno não sejam incorporados na discussão como moradores de Santa Teresa, eles utilizam as mesmas vias de acesso ao bairro e teriam em tese que ser considerados como usuários preferenciais do transporte.

Com relação à atuação da AMAST, seria interessante gravar suas reuniões, analisar as atas das mesmas e ainda entrevistar os diretores como formas de aprofundar pesquisas acerca da efetividade e do impacto das associações de moradores com base em seus próprios objetivos.

No que diz respeito ao bonde, seria interessante confirmar se ele realmente assume feições humanas nas representações, ou seja, se é mesmo antropomorfizado. Nesse caso, o emprego do método história oral seria recomendável, através do qual moradores antigos e pessoas relevantes na comunidade seriam entrevistados.

Outra sugestão seria explorar as metáforas contendo a palavra bonde na língua portuguesa como *pegar o bonde andando*, *perder o bonde*, *ir nesse bonde*, *pegar o bonde errado*, *amigo bonde*, etc.

Por fim, a missão dessa pesquisa foi tentar fortalecer o campo da linguística da internet materializando um projeto baseado em uma instituição comunitária online. Minha contribuição começou pelas inquietudes surgidas a partir da identificação das lacunas no campo a ser pesquisado e, por conseguinte, pelas perguntas de pesquisa, por onde eu quis incidir luz. Mesmo tendo que levar em conta as regras explícitas ou tácitas de um ambiente de interação online, a internet permitiu a observação e análise de corpora baseadas em interações totalmente espontâneas. Seja um estudo delimitado a um curto espaço de tempo, seja um estudo longitudinal, a espontaneidade das interações contribuiu para a confiabilidade da pesquisa.

Com certeza ainda há muito que se pesquisar sobre o impacto da internet nos movimentos ativistas, principalmente considerando-se a gama de materiais disponíveis online e suas características multimodais. Porém, o que pode ser dito sobre as atividades sócio-políticas na Internet é que estas podem ajudar a aumentar a conscientização sobre questões políticas e até mesmo mobilizar cidadãos a tomar outras formas de ação fora do mundo virtual. Nenhum estado ou forma de governo pode se tornar imune ao impacto das novas tecnologias de informação e movimentos políticos, resguardando-se as diferenças dos contextos de cada região. O que se tem discutido é a diversificação de como os cidadãos têm

se engajado nos temas políticos. É neste sentido que algumas evidências recentes sugerem que ser ativo online promove também uma maior participação off-line. Apesar de a participação em páginas de eventos ser considerada um engajamento sutil, trata-se de uma tentativa de conscientização sócio-política com forte potencial de mobilização e somente estudos futuros mais complexos poderão apontar a efetividade e eficácia desses movimentos.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Laurence. (2014). **AntConc** (Versão 344) [Aplicativo]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. Disponível em: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>>. Acesso em: 02 set. 2016.
- ARISTÓTELES. **Aristóteles: obras completas: retórica**. 2. ed. rev. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. (Biblioteca de Autores Clássicos). Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARAN, Paul. **On distributed communications networks**. Santa Monica, California: The Rand Corporation, 1962. Disponível em <<https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/papers/2005/P2626.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.
- BRESSAN, Renato Teixeira. Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 1, n. 2, 2009.
- BODOMO, Adams B. (Ed.). **Computer-Mediated Communication for Linguistics and Literacy: Technology and Natural Language Education: Technology and Natural Language Education**. Hong Kong: I GI Global, 2009.
- BOOTH, Paul. Intertextuality, Parody, and Polyphony in Pepsi's® 2009 Presidential Inauguration Campaign. **Journal of Visual Literacy**, v. 29, n. 1, p. 68-87, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. **O poder simbólico**, v. 3, 1989.
- BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. **Novo Código Civil Brasileiro**. Legislação Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm?>. Acesso em: 02 set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. **Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde**. Brasília: [O Ministério], 1996.
- CASTELS, Manuel. **Redes de indignação e de esperança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.
- COSTA, Suzana J. C. **Vem Pra Rua: um estudo sistêmico-funcional baseado em corpora digitais**. 23 de agosto de 2016. 164f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 2016.

DAHLBERG, Lincoln. The Internet and democratic discourse: Exploring the prospects of online deliberative forums extending the public sphere. **Information, Communication & Society**, v. 4, n. 4, p. 615-633, 2001.

DAVIES, Todd; GANGHADARAN, Seeta-Peña. **Online Deliberation: Design, Research and Practice**. Chicago: The center for the study of language and information, 2009.

ELLISON, Nicole B.; STEINFELD, Charles; LAMPE, Cliff. The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. **Journal of Computer - Mediated Communication**, v. 12, n. 4, p. 1143-1168, 2007.

FERRAZ, Flavia Silvia Machado. **Gêneros da divulgação científica na internet**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/...01112007.../TESE_FLAVIA_S_MACHADO_FERRAZ.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FIELDING, Nigel G.; LEE, Raymond M.; BLANK, Grant (Ed.). **The SAGE handbook of online research methods**. London: Sage, 2008.

FONTAINE, Lise; BARTLETT, Tom; O'GRADY, Gerard (Ed.). **Systemic functional linguistics: Exploring choice**. Cambridge University Press, 2013.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis: Theory and method**. London: Routledge, 2014.

HALLIDAY, Michael. A. K. Language as system and language as instance: The corpus as a theoretical construct. **Directions in corpus linguistics**, p. 61-77, 1992.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian MIM; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. London: Routledge, 2014.

HALLIDAY, Michael A.K.; HASAN, Ruqaiya. R.(1976) **Cohesion in English**. Malaysia (LSP): Longman Group Limited, 1984.

HERRING, Susan. Language Online. In: **Conference May 29-31, 2009**, Illinois, EUA: Illinois Language and Linguistics Society. Disponível em: <<http://flash.atlas.illinois.edu/Video.html?src=/ling/ling-v-2009-2/Keynote-Herring&player=SDNC>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

JONES, Rodney H.; CHIK, Alice; HAFNER, Christoph A. (Ed.). **Discourse and digital practices: doing discourse analysis in the digital age**. London: Routledge, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 1, 2012.

LEINER, Barry et al. *Brief History of the Internet*. Disponível em: <<http://www.internetsociety.org/internet/what-internet/history-internet/brief-history-internet>>. Acesso em: 10 jan. 2017

MASCARO, Christopher M.; GOGGINS, Sean P. Brewing up citizen engagement: the coffee party on Facebook. In: **Proceedings of the 5th International Conference on Communities and Technologies**. [S.l.]: ACM, 2011. p. 11-20.

MATTHIESSEN, Christian. M.I.M. Systemic Functional Linguistics as applicable linguistics: social accountability and critical approaches. **DELTA**, v.28, n.especial, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502012000300002>. Acesso em: jan. 2017.

NUNES, Álvaro. **Argumentação e Retórica**. Crítica na Rede. 4 de julho de 2015. Disponível em <<http://criticanarede.com/anunesargumentacaoeretica.html>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

PAGE, Ruth et al. **Researching language and social media: a student guide**. London: Routledge, 2014.

PANTALEONI, Nívea. **Intertextualidade**: teoria em textos e contextos, 04/11/2013. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/category/intertextualidade/>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

REVISTA INSTITUO HUMANITAS UNISINOS ON-LINE. As manifestações renovarão os mecanismos existentes ou criarão novos? Entrevista especial com Rodrigo Nunes. 17/02/2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/528306-as-manifestacoes-renovarao-os-mecanismos-existentis-ou-criarao-novos-entrevista-especial-com-rodrigo-nunes->>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SLEMBROUCK, Stef. Intertextuality. In: VERSCHUEREN, Jef et al.. **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 1-24, 2002.

SOUZA, Flávio. Entrevista com a professora Susan Herring, da University of Indiana. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul./dez. 2015, p.340-346. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/entrevista/Palimpsesto21entrevista02ptg.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

TAGG, Caroline; SEARGEANT, Philip. Facebook and the discursive construction of the social network. In: GEORGAKOPOULOU, Alexandra.; SPILIOTI, T. (Ed.). **The Routledge Handbook of Language and Digital Communication**. Londres: Routledge, 2016. p. 338-354.

TITANGOS, Hui Lan H. **Local community in the era of social media technologies: a global approach**. Oxford: Chandos Publishing, 2013.

TOURAINÉ, Alain. **A New paradigm to understand today's world**. Cambridge: Polity Press, 2007. Translated by Gregory Elliot.

WEARE, Christopher; LOGES, William E.; OZTAS, Nail Does the internet enhance the capacity of community associations? In: BESSELAAR, van den et al (Ed.). **Communities**

and Technologies, 2005, Proceedings of the Second Communities and Technologies Conference. Milan; New York: Springer, 2005

ANEXO A - Tabela de frequência dos itens lexicais

N	Palavra	Freq.	Postagens	N	Palavra	Freq.	Postagens	N	Palavra	Freq.	Postagens	N	Palavra	Freq.	Postagens
1	DE	1184	146	29	DOS	95	54	57	PELA	42	31	83	SUA	28	21
2	E	725	144	31	BAIRRO	84	45	58	PELO	42	32	84	AGORA	27	19
3	O	551	107	32	AS	80	40	59	ELE	41	22	85	ELES	27	20
4	QUE	543	96	33	MAS	78	44	60	JÁ	40	29	86	ESTÃO	26	20
5	A	499	105	34	AO	69	43	61	VAI	40	28	87	SEMPRE	26	19
6	#	455	117	35	RUA	69	37	62	DIA	37	33	88	TER	26	14
7	DO	416	122	36	COMO	68	36	63	HOJE	37	27	89	VOCÊ	26	14
8	SANTA	344	141	37	TEM	68	38	64	MESMO	37	22	90	ESTAVA	25	15
9	NÃO	258	78	38	DAS	65	41	65	PODE	37	28	91	TUDO	25	20
10	DA	251	89	39	ESTÁ	65	41	66	ESSA	34	25	92	JANEIRO	24	21
11	MORADORES	248	134	40	ISSO	65	38	67	ERA	33	17	93	TAMBÉM	24	18
12	TERESA	227	119	41	RIO	64	42	68	ESSE	33	22	94	TEMOS	24	15
13	AMAST	226	144	42	ÔNIBUS	61	25	69	ME	33	25	95	AINDA	23	16
14	UM	218	71	44	FOI	53	38	70	MUITO	33	20	96	ESTADO	23	14
15	PARA	215	73	45	OU	53	29	71	SÃO	33	22	97	NELSON	23	11
16	COM	212	75	46	SÓ	53	30	72	ANOS	32	26	98	QUANDO	23	21
17	EM	204	69	47	NOS	51	32	73	BONDES	31	20	99	CIDADE	22	13
20	NO	173	77	48	QUEM	51	30	74	OBRAS	31	23	100	GUIMARÃES	22	13
21	NA	169	71	49	INFERIOR	50	48	75	ISABEL	30	27	101	MOTORISTA	22	7
22	OS	157	62	50	SER	49	28	76	NOSSO	30	20	102	ONDE	22	13
23	UMA	154	65	51	TODOS	48	31	77	SEU	30	18	103	FAZER	21	17
24	SE	136	53	52	ATÉ	45	27	78	EU	29	19	104	MEU	21	15
25	BONDE	114	46	53	PRA	45	22	79	NADA	29	21	105	VER	21	19
26	POR	111	58	54	SOBRE	45	35	80	OBRA	29	16	106	VOLTA	21	17
27	MAIS	104	53	55	SUPERIOR	45	45	81	PESSOAS	29	20	107	ACHO	20	14
28	PARTE	101	71	56	SEM	43	26	82	NEM	28	17	108			

Fonte: O autor, 2017.